

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
RIO GRANDE DO SUL
CAMPUS FELIZ
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

Paola Schneider

**O *CODE SWITCHING* NO HUNSRIQUEANO-PORTUGUÊS: ESTUDO DE CASO
NAS FAMÍLIAS SCHNEIDER E MASSING NA CIDADE DE VALE REAL-RS**

**Feliz
2018**

Paola Schneider

**O *CODE SWITCHING* NO HUNSRIQUEANO-PORTUGUÊS: ESTUDO DE CASO
NAS FAMÍLIAS SCHNEIDER E MASSING NA CIDADE DE VALE REAL-RS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus de Feliz, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Me. Cristiano da Silveira
Pereira

**Feliz
2018**

Paola Schneider

**O *CODE SWITCHING* NO HUNSRIQUEANO-PORTUGUÊS: ESTUDO DE CASO
NAS FAMÍLIAS SCHNEIDER E MASSING NA CIDADE DE VALE REAL-RS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul como requisito à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Aprovada em ____ de _____ de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Cristiano da Silveira Pereira (presidente)

Prof^a. Dr^a. Elisa Battisti – UFRGS

Prof^a. Me. Laura Helena Hahn Nonnenmacher – IFRS

Dedico este trabalho às minhas raízes, de descendência alemã e às famílias Schneider e Massing, falantes do Hunsrückisch.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que me incentivaram na realização desta pesquisa, em especial à minha família, e essencialmente à minha mãe, Cleuzenir Schneider, por todo apoio e dedicação concedido a mim durante o curso de Letras.

Ao meu parceiro, Nicolas Berwanger Michels, por todo o incentivo.

Ao meu orientador, Cristiano Pereira, por todos os preciosos ensinamentos.

Ao IFRS – Campus Feliz, pela qualidade na educação.

RESUMO

A presente pesquisa trata-se de um estudo de caso sobre o *code switching* entre Hunsriqueano e Português, isto é, a troca entre códigos linguísticos que ocorre nas famílias Schneider e Massing, residentes no Município de Vale Real, no Rio Grande do Sul. Entende-se por Hunsriqueano (ou *Hunsrückisch*) a língua de imigração alemã mais falada no Brasil, que foi trazida pelos alemães durante a imigração germânica em 1824. Logo, são objetivos deste estudo: identificar o fenômeno *code switching* nas situações de fala dos falantes da língua de imigração; classificar a classe gramatical dos elementos recorrentes do *code switching* Hunsriqueano-Português; contribuir para a preservação escrita do Hunsriqueano no sentido de documentá-lo. A partir de uma entrevista estruturada, ocorreu a etapa das gravações com o auxílio de um gravador, em que os entrevistados falaram abertamente sobre quatro temáticas, utilizando a língua de imigração. Em seguida, coletaram-se os dados e se analisou a fala de treze falantes de ambas as famílias: dois avôs, sete tios e quatro primos, todos bilíngues, levando em consideração alguns fatores extralinguísticos, como gênero, idade língua materna e grau de escolaridade. A análise das entrevistas destacou que a troca de códigos linguísticos neste contexto de pesquisa ocorre, na maioria das vezes, em substantivos, seguidos das interjeições e verbos, respectivamente. Para além disso, este estudo apontou que há um processo de substituição linguística do Hunsriqueano pelo Português entre os falantes mais jovens, o que mostra a possibilidade do uso do Hunsriqueano ser extinto na área estudada. Por fim, para além da análise linguística, este estudo dedicou-se ainda em contribuir no processo de salvaguardar o Hunsriqueano, visto que as línguas faladas pelos descendentes de imigrantes são uma parte da história do Brasil.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista. *Code Switching*. Língua de Imigração. Hunsriqueano. Bilinguismo.

ABSTRACT

This research promotes a case study about the Hunsrückisch-Portuguese code switching, which consists in a shift between language codes that occurs in Schneider and Massing families, who live in Vale Real, state of Rio Grande do Sul. Hunsrückisch (in German) is considered the most widely spoken German immigration language in Brazil, which was brought by the German people during their immigration, in 1824. So, this study aims: identifying the code switching phenomenon in the speech situations from the immigration language speakers; classifying the word class of the recurrent words during the Hunsrückisch-Portuguese code switching; contributing to the Hunsrückisch written preservation in order to register it. Starting from a structured interview, the recording stage took place using an audio recorder, in which interviewees freely spoke about four themes, speaking in their immigration language. Then, data were collected and speech was analyzed from thirteen speakers of both families: two grandparents, seven uncles and four cousins, all bilingual; considering some extralinguistic aspects, such as: gender, age, educational level and mother tongue. The interviews' analysis emphasizes that the shift between linguistic codes in this context of research occurs mostly in nouns; followed by interjections and verbs, respectively. In addition, this study has pointed out that there is a process of linguistic replacement, from Hunsrückisch to a Portuguese favoritism among younger speakers, which shows a possibility of the extinction in use of Hunsrückisch in the studied area. Finally, in addition to a linguistic analysis, this study is also dedicated to contribute to safeguard Hunsrückisch, once the languages spoken by the immigrants' descendants are part of Brazil's history.

Keywords: Variationist Sociolinguistics. Code Switching. Immigration Language. Hunsrückisch. Bilingualism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Região de Hunsrück na Alemanha.....	20
Figura 2 – Áreas bilíngues da região Sul do Brasil.....	28
Figura 3 – Árvore genealógica da família Massing.....	36
Figura 4 – Árvore genealógica da família Schneider.....	36

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Quantificação dos dados de todos os falantes.....	42
Gráfico 2 – Quantificação do <i>code switching</i> em mulheres.....	45
Gráfico 3 – Quantificação do <i>code switching</i> em homens.....	45
Gráfico 4 – Idade: 70 a 85 anos	49
Gráfico 5 – Idade: 45 a 58 anos	49
Gráfico 6 – Idade: 20 a 36 anos	50
Gráfico 7 – Falantes que possuem o Hunsriqueano como Língua Materna.....	52
Gráfico 8 – Falantes que possuem a Língua Portuguesa como Língua Materna.....	52

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Línguas de imigração no território brasileiro.....	18
Quadro 2 – Variedades do Alemão identificadas no Brasil.....	30
Quadro 3 – Informações sobre os entrevistados.....	39

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 SOCIOLINGÜÍSTICA	13
2.1 SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA.....	13
2.2 LÍNGUA, DIALETO E LÍNGUA DE IMIGRAÇÃO.....	14
2.3 HUNSRIQUEANO E O CONTEXTO HISTÓRICO	20
2.3.1 O Município de Vale Real-RS	23
2.4 ESTUDOS SOBRE O HUNSRIQUEANO.....	24
3 BILINGUISMO E CODE SWITCHING	26
3.1 BILINGUISMO.....	26
3.1.1 Variação no bilinguismo	29
3.2 ASPECTOS SOCIOLINGÜÍSTICOS DO <i>CODE SWITCHING</i>	30
4 METODOLOGIA	34
4.1 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	34
4.2 TEMA DE PESQUISA E HIPÓTESES	34
4.3 SUJEITOS DA PESQUISA: FAMÍLIAS MASSING E SCHNEIDER.....	35
5 ANÁLISE DOS DADOS	39
5.1 CATEGORIA ANALÍTICA: SEXO/GÊNERO	44
5.2 CATEGORIA ANALÍTICA: IDADE	48
5.3 CATEGORIA ANALÍTICA: LÍNGUA MATERNA	51
5.4 CATEGORIA ANALÍTICA: GRAU DE ESCOLARIDADE.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	58
APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA	61
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	62

1 INTRODUÇÃO

O Brasil foi constituído por diferentes povos: alemães, italianos, portugueses, africanos, dentre outros, resultando em uma ampla diversidade cultural. A colonização alemã contribuiu de forma significativa, por exemplo, para ampliar esta diversidade cultural. Os alemães que aqui chegaram trouxeram heranças culturais, dentre delas, uma muito importante: a língua hoje considerada língua de imigração e denominada Hunsriqueano. O nome se justifica, pois grande parte dos imigrantes são provenientes da região de Hunsrück, localizada no centro-oeste da Alemanha. Os falantes também utilizam diferentes nomenclaturas para denominar a língua de imigração, tais como “Deutsch”, “Platt”, “Dialekt”. (HABEL, 2017).

Assim, essa língua de imigração se difundiu no Brasil, de forma mais intensa na região Sul do país. Atualmente, ainda é falada em muitas comunidades, como língua materna. É o caso dos sujeitos de pesquisa deste estudo: descendentes de alemães e falantes do Hunsriqueano. Nesse viés, a pesquisa se deteve em identificar a troca de códigos linguísticos entre os falantes da família Schneider e Massing e responder o questionamento acerca das classes gramaticais em que ocorre o *code switching* entre Hunsriqueano e Português. De acordo com Porto (2017, p. 1), o fenômeno diz respeito ao “uso de dois ou mais códigos por indivíduos bilíngues numa mesma interação conversacional.”

A escolha do tema de investigação surgiu da necessidade de investigar essa língua de imigração, que faz parte da identidade de um povo. De certa forma, como objetivo secundário, a pesquisa procurou contribuir ainda para a preservação dessa língua, no sentido de documentá-la, visto que possivelmente será extinta, devido ao processo de substituição do Alemão pelo Português pelos jovens, que vêm adquirindo o Português como língua materna. Com o intuito de investigar o fenômeno *code switching* no Hunsriqueano – Português, realizou-se uma pesquisa exploratória a partir de um estudo de caso dos falantes desta língua de imigração nas famílias Schneider e Massing. Para a coleta de dados, utilizou-se a metodologia da pesquisa qualitativa, na análise de dados obtidas em gravações de fala natural. A hipótese da pesquisa é a de que a classe gramatical predominante na troca de código linguístico, isto é, no *code switching*, é a dos verbos, substantivos e interjeições.

Dessa forma, este estudo é composto por dois capítulos de revisão de literatura, metodologia, análise de dados e considerações finais. O primeiro capítulo apresenta noções de variação linguística na perspectiva de William Labov, além de conceituar língua, dialeto e língua de imigração. Também faz-se um apanhado dos principais estudos do Hunsriqueano. O segundo capítulo trata de diferentes concepções de bilinguismo, da variação no bilinguismo e dos aspectos sociolinguísticos do *code switching*. Na metodologia, desenvolveu-se o tema de pesquisa, o percurso metodológico, o objeto de estudo e, por fim, apresentaram-se os sujeitos de pesquisa. A análise de dados se deu a partir de quatro categorias analíticas/fatores extralinguísticos: sexo/gênero, idade, língua materna e grau de escolaridade. Por fim, fizeram-se as considerações finais.

2 SOCIOLINGUÍSTICA

A Sociolinguística é um dos ramos da Linguística que estuda as relações entre língua e sociedade. Faz-se necessário, neste estudo, apresentar as noções de língua dialeto e língua de imigração para apresentar melhor nosso objeto de estudo: o Hunsriqueano. Partiremos de William Labov, proponente da Sociolinguística Variacionista fundamentada pela Teoria da Variação Linguística.

2.1 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação Linguística foi elaborada a partir dos estudos de William Labov, o qual se propôs a ter um novo olhar sobre os fenômenos da variação e da mudança linguística. Para a consolidação de tal corrente teórica, duas obras tornaram-se essenciais: “Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança”, publicado em 1968 por Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog, e “Padrões Sociolingüísticos”, publicado por Labov em 1972.

Essa perspectiva teórica situa a variação e mudança da língua no contexto social da comunidade de fala. Sobre a importância de considerar o âmbito social da língua, Labov (2008, p. 215) aponta: “A língua é uma forma de comportamento social [...] crianças mantidas em isolamento não usam língua; ela é usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros.”

Para compreender a variação e a mudança linguística, conforme a presente teoria, deve-se levar em consideração o âmbito social, observando a língua dentro de uma comunidade de fala, além de estudar eventos em que os falantes estejam usando a língua de forma natural, ou seja, conforme se comunicam em situações do cotidiano. Labov (2018, p. 21) apresenta sua perspectiva de estudo assim:

O ponto de vista do presente estudo [Sociolinguística Variacionista] é o de que não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. (LABOV, 2008, p.21)

Assim, assumindo uma perspectiva social no estudo da língua, Labov (2008) compreende a variação como algo inerente a todas as línguas naturais. Ele aponta ainda razões pelas quais as mudanças linguísticas acontecem:

A explicação da mudança linguística parece envolver três problemas distintos: a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística. [...] essas variações podem ser induzidas pelo processo de assimilação, ou dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou quaisquer outros processos em que o sistema linguístico interaja com as características fisiológicas ou psicológicas do indivíduo. (LABOV, 2008, p. 19).

Ao compilar ideias dessa teoria, faz-se necessário apresentar um conceito relevante para compreender de forma significativa as noções de variedade linguística: a heterogeneidade da língua. Para Labov (2008), a língua é heterogênea, isto é, pressupõe a opção de dizer a mesma coisa de diferentes maneiras, conforme um padrão.

A partir das ideias dessa vertente teórica, é possível dizer que todas as línguas apresentam variações linguísticas, e essas variações podem ocorrer de diferentes formas. Ainda, Labov (2008) aponta que, para haver variações devem-se levar em consideração dois pontos: as formas devem ser intercambiáveis.

Sob essa perspectiva consideram-se as variedades dialetais ou dialetos como variedades linguísticas, as quais são estudadas por Labov, embora não sejam por ele conceituadas. Entretanto, no ramo da Sociolinguística, o termo mais abrangente para explicar a variedade dialetal é utilizando a nomenclatura “variedade”. com isso, se alcança um certo grau de neutralidade, diminuindo carga ideológica presente no termo “dialeto”, como abordado na próxima seção.

2.2 LÍNGUA, DIALETO E LÍNGUA DE IMIGRAÇÃO

As definições de língua e dialeto ainda concebem profundos debates, uma vez que é complexo designar as diferenças de um para outro. Por essa razão, a dissemelhança entre tais conceitos necessita ser apresentada com base em diferentes teorias.

A denominação dialeto é originária do grego *dialéktos*, que significa uma “maneira de falar individual”. Tal definição é criticada por Altenhofen (2008) devido a sua polissemia. De acordo com Habel (2014), dialeto corresponde em alemão o

termo *Mundart*, que em outras palavras significa “a arte de falar ou de se comunicar 'oralmente' com outras pessoas”, uma vez que os dialetos dispõem de pouco ou nenhum material escrito. Possivelmente esse fato é o que os diferencia: o hábito de escrita por parte da língua e o hábito da oralidade por parte do dialeto, ainda que ambos sistemas linguísticos sejam dotados de complexidade.

Na comunidade de fala estudada, poucos são os escritos em Hunsriqueano, visto que essa língua é, sobretudo, oral, transmitida de pais para filhos, de geração para geração. A maior parte dos falantes não desenvolveu habilidades de escrita e, dessa forma, não possuem conhecimento a respeito da gramática. Alguns como Maria Noêmia (Bennemann) Assmann, moradora do município de Feliz/RS, o qual é limítrofe com o município de Vale Real/RS, produziram escritos que são de importante valia.

Inicialmente, Maria Noêmia (Bennemann) Assmann passou a publicar em um jornal local artigos e crônicas relatando suas vivências e o modo simples das pessoas. Mais tarde, passou a escrever sobre datas significativas, a propor reflexões e abordar fatos do dia a dia de sua cidade, além de questões públicas e políticas. Os artigos de jornais publicados por Noêmia foram reunidos e constituem o livro “Colônia alemã: histórias e fatos”, no qual se tem um objetivo primordial:

Com o livro, eu desejo conservar, em nossa terra, a bonita fala *Hunsrik* e ajudar para que ela, que é tão rica em se expressar, não desapareça em nosso Brasil [...]. A herança cultural daquele povo que formou a nação brasileira é uma verdadeira herança cultural que temos que preservar. (ASSMANN; THOMAS, 2010, p. 13, grifo dos autores).

Do ponto de vista linguístico, quando se trata de língua e dialeto, não há diferença quanto ao caráter sistêmico, uma vez que um dialeto também deve ser considerado uma língua devido à sua atividade linguística, que possui fonemas, léxico, sintaxe e gramática, assim como aponta Coseriu (1982, p. 10-11):

Entre dialecto y lengua no hay diferencia de naturaleza o sustancial. Intrínsecamente, un dialecto es simplemente una lengua: un sistema fónico, gramatical y léxico. (...) Así, pues, en sentido, objetivo (...), el término dialecto [...] no significa otra cosa que el término lengua.¹

¹ Tradução nossa: “entre dialeto e língua não há diferença de natureza ou substancial. Intrinsecamente, um dialeto é simplesmente uma língua: um sistema fônico, gramatical e lexical. [...] Assim, em certo sentido, objetivo [...], o termo dialeto [...] não significa outra coisa senão o termo língua.

Coseriu (1982) destaca ainda que todo dialeto pode ser considerado uma língua e, no entanto, nem toda língua pode ser considerada um dialeto. Para além disso, há outra questão que deve ser levantada: o *status* histórico atribuído aos conceitos de língua e dialeto, no qual o primeiro é visto como uma verdade absoluta, um padrão a ser seguido, enquanto o segundo categoriza-se ao que chamamos de línguas minoritárias, as quais habitualmente é atribuído uma carga de preconceito, além de, muitas vezes, não ser considerada uma língua. Dessa forma, Coseriu (1982, p. 12) destaca: “hay, entre 'lengua' y 'dialecto', diferencia de estatus histórico (...): un 'dialecto', sin dejar de ser intrínsecamente una 'lengua', se considera como subordinado a otra 'lengua'.” (COSERIU, 1982, p.12)².

Coseriu (1982) aponta ainda que, do ponto de vista da Dialetologia³, uma das falhas para conceituar dialetos e língua acontece pela falta de debates acerca de conceitos básicos, tais como o próprio conceito de dialeto. Sob o mesmo ponto de vista, Camacho (2004) afirma que todas as línguas e dialetos (variedades de uma língua) são igualmente complexos e eficientes para o exercício de todas as funções a que se destinam e nenhuma língua ou variedade dialetal é inerentemente inferior a outra similar a sua. Quanto à estrutura das variedades dialetais, Camacho (2004, p. 4) aponta:

[...] todas as línguas e variedades dialetais fornecem a seus usuários meios adequados para a expressão de conceitos e proposições lógicas; assim, nenhuma língua ou variedade dialetal impõe limitações cognitivas tanto na percepção quanto na produção de enunciados.

Considerando os apontamentos apresentados por Coseriu (1982) e Camacho (2004), por sua vez, Altenhofen (2008) salienta que língua e dialeto podem, em outras palavras, ser vistos como formas de identificar e classificar/agrupar fatos linguísticos, extremamente variáveis. Ainda, de acordo com Altenhofen (2008), no alemão, o termo dialeto costuma ser utilizado para designar tudo que não é padrão e tudo que é essencialmente falado/oralizado. Nesse sentido, ao dialogar acerca das variedades linguísticas, especificamente das variedades do Alemão, Altenhofen (2008, p. 32) aponta:

O escrito, ensinado na escola com auxílio de uma gramática representa o certo, o oficial, a língua propriamente dita, e contrasta com o dialeto, a sua

² Tradução nossa: "Existe, entre 'língua' e 'dialeto', diferença de status histórico [...]: um 'dialeto', embora permaneça intrinsecamente uma 'língua', é considerado como subordinado a outra 'língua'."

³ Ciência que estuda os dialetos.

interface falada, à qual se incorpora uma série de atributos negativos, a tal ponto de se ouvir muitas vezes juízos de valor depreciativos como “das is kee Sproch” (‘isso não é língua’).

Em outras palavras, a língua tem um caráter oficial, e o dialeto é considerado um subsistema e constantemente utilizado para denominar uma “língua errada” ou uma “língua de colonos”. Isso se explica pelo aspecto social de quem fala um dialeto, ou seja, associa-se esse tipo de linguagem às classes menos escolarizadas, enquanto a língua-padrão é relacionada à língua ensinada na escola e, conseqüentemente, às classes privilegiadas. Esta circunstância está contemplada nos estudos de Bagno (2015), em seu livro “Preconceito Lingüístico”, sobre classes marginalizada essencialmente no contexto da Língua Portuguesa.

Abordar essas ideias acerca das variações e da variedade dialetal, permite dizer que, embora essas variedades (dialetais) sejam vistas com um teor preconceituoso algumas vezes, elas constituem algo imensurável: a identidade cultural de um povo. Nesse sentido, o preconceito velado ligado a essas variedades, não deveria se disseminar, visto que ambas – língua e dialetos – têm essencialmente uma finalidade: comunicar.

Refletindo a respeito, é possível afirmar que o Hunsriqueano é uma variedade do alemão. Nesse sentido, faz-se necessário apresentar alguns dados significativos: de acordo com Altenhofen (2008), sabe-se que, no Brasil, além do português, aproximadamente 210 línguas sejam faladas: dessas, 180 são indígenas ou autóctones e 30 de imigração, ou alóctones, além de variantes afro-brasileiras, fenômenos de fronteira (portunhol) e as variedades regionais do Português brasileiro. Evidentemente, o objeto de pesquisa deste estudo (o Hunsriqueano) enquadra-se nas línguas de imigração, que Altenhofen (1996, p. 27) conceitua da seguinte maneira:

Trata-se de uma variedade dialetal de descendentes de imigrantes alemães, denominada pelos próprios membros da comunidade de fala de Hunsrückisch, em alusão ao grupo majoritário de imigrantes oriundos da região do Hunsrück, localizada entre os rios Mosela e Reno, na Renânia Central.

Ao perceber a pluralidade linguística existente no Brasil, Oliveira (2003 apud ALTENHOFEN, 2007) destaca a existência de aproximadamente 30 línguas de imigração no país, obviamente devidas ao processo de imigração. É importante

ressaltar que este objeto de estudo ainda está sujeito a novas pesquisas. No Quadro 1, estão apresentadas as línguas de imigração no Brasil.

Quadro 1 – Línguas de imigração no território brasileiro

1. Hunsrückisch ou Hunsriqueano	18. Hebraico
2. Pomerano	19. lídiche
3. Vestfaliano ou sapato-de-pé	20. Francês
4. Suábio	21. Holandês
5. Wolgadeutsch	22. Sinti
6. Platt menonita (<i>Plautdietsch</i>)	23. Roma
7. Austríaco	24. Chinês
8. Bávaro	25. Queechua
9. Talin (vêneto brasileiro)	26. Aimara
10. Demais variedades do italiano (moranês, lombardo, friulano)	27. Armênio
11. Espanhos	28. Crioulo de Cabo Verde
12. Polonês	29. Crioulo Karipuna
13. Japonês	30. Crioulo galibi marworno
14. Okinawa	31. Crioulo da Ilha Samaracá
15. Ucrâniano	32. Coreano
16. Russo	33. Leto
17. Árabe	34. Sueco
	35. Húngaro

Fonte: adaptado de ALTENHOFEN (2007).

Pode-se perceber, no contexto brasileiro, uma diferença com relação ao processo de “aceitação” de línguas de imigração quando comparado às línguas indígenas, quanto a seus condicionamentos históricos e sociais, além de seu *status* social. As línguas de grupos indígenas são amparadas por leis como, por exemplo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), enquanto as línguas de imigração não têm nenhum documento escrito quanto a direitos e especificidades. Felizmente, essas línguas estão começando a ser vistas com outros olhos a partir de alguns importantes projetos, tais como o ALERS, coordenado por Cléo Vilson Altenhofen. Sob essa perspectiva, Altenhofen (2007, p. 74) adverte:

Proporcionalmente, quando o MEC [...] fala de diversidade linguística, refere-se essencialmente às 180 línguas faladas no Brasil. Está claro que este conceito de diversidade tem de se ampliar, para abrigar todas as línguas faladas. (ALTENHOFEN, 2007, p.74)

Também existem diferentes categorias de contatos linguísticos no Brasil. Todavia, convém tratar do contato que nos interessa: contato Português e línguas alóctones (de imigração), essencialmente do Hunsriqueano-Português. Interessam

alguns aspectos dos contatos linguísticos presentes em algumas comunidades de fala, aqui especificamente na cidade de Vale Real/RS. Os contatos entre o Português e a língua de imigração Hunsriqueano ocasionaram alguns empréstimos linguísticos, havendo expressões, palavras e termos “intraduzíveis” já enraizados no contexto dessa comunidade de fala, como, por exemplo, “*schmeerich*” (similar a “embaçado”), “*frech*” (similar a “mal educado”), “*Häckes fui*” (similar a “que nojo”), as quais são empregadas em situações de fala em que a língua manuseada é o Português. No entanto, o mesmo ocorre em situações de fala em que está se utilizando o Hunsriqueano e usam-se termos do Português, os quais foram adaptados, no qual podemos utilizar exemplos como “*resolveere*” (resolver) e “*potreer*” (potreiro).

Esses resultados de contato linguístico constituem hoje empréstimos enraizados tanto na língua oficial quanto na língua de imigração específica. Sob esses contatos, Altenhofen (2008, p. 39) evidencia:

Na verdade, é bastante improvável, para não dizer uma ilusão, que se possa encontrar tais dialetos na sua forma pura, original e intocável, isenta da influência do português e de outros dialetos em contato. Isso sequer pode ser determinado por um trabalho de laboratório, em que um dialetólogo identifica de forma científica o dialeto de alguém como sendo A ou B.

A partir dessa observação de Altenhofen (2008), faz-se necessário retomar um conceito já retratado por Labov (2008): o de comunidade de fala. Os empréstimos linguísticos e o que entrará em contato, obviamente, será determinado por cada comunidade de fala. No contexto desta pesquisa, os falantes de Hunsriqueano sofrem influência da Língua Portuguesa, os falantes de português sofrem influência do Hunsriqueano na comunidade de fala (bilíngue) de Vale Real/RS.

Por outro lado, para além de se ter empréstimos linguísticos da língua de imigração Hunsriqueano para o Português e vice-versa, há, nesse contexto, outra ocorrência importante, a qual é o alicerce deste estudo: a troca de códigos linguísticos nas situações de interação, as quais são denominadas *code switching*. Nesse sentido, essa troca de códigos linguísticos pode ocorrer por diversos motivos e afetar classes gramaticais distintas, especialmente por se tratar de falantes bilíngues.

A troca de códigos linguísticos (*code switching*) trata-se basicamente de um artifício linguístico utilizado por falantes de duas ou mais línguas. Essas noções estão apresentadas adiante (seção 3.2).

2.3 HUNSRIQUEANO E O CONTEXTO HISTÓRICO

A imigração alemã no Brasil influenciou tanto o setor socioeconômico no país quanto seu desenvolvimento cultural. Acredita-se que a língua trazida pelos alemães constitui a sua maior herança cultural. O Hunsriqueano é uma língua de imigração que se desenvolveu a partir do idioma falado pelos imigrantes alemães que chegaram ao Rio Grande do Sul em 1824 e se instalaram na região. O nome se deve pelo fato de os imigrantes que aqui desembarcaram terem vindo de uma região da Alemanha chamada Hunsrück, conforme mostra a Figura 2.

Figura 1 – Região de Hunsrück na Alemanha



Fonte: KLEIN (2013, sem paginação).

Entende-se por língua de imigração aquelas trazidas por imigrantes ao chegar no Brasil. A partir disso, formou-se o termo Línguas Brasileiras de Imigração, que vem tendo cada vez mais visibilidade. Nesse viés, Altenhofen (1998) categoriza em quatro características as línguas de imigração:

- a) língua de grupo;
- b) língua com variedades de fala heterogênea;
- c) língua em movimento;
- d) língua em contato.

A partir dessa classificação, levando-se em consideração a história do Hunsriqueano, isto é, que se constituiu a partir de grupos de imigrantes vindos da região de Hunsrück, de acordo com Habel (2014) pode-se classificar a língua desses imigrantes como língua de grupo. HABEL (2014, p. 24), explica como se dá este processo:

Os imigrantes vindos dos mais diversos lugares e regiões da Alemanha entraram em contato, no Brasil, formando grupos de fala heterogênea. Daí as línguas de imigração se definiram essencialmente como línguas em movimento. O fato das diferentes variedades linguísticas da matriz de partida da Alemanha terem se encontrado nas regiões do sul do Brasil coloca as línguas em contato e as reordena conforme a situação linguística encontrada neste novo meio em que os grupos se instalaram.

Visto que a língua de um povo está atrelada a sua história e cultura, faz-se necessário compilar de forma breve algumas ideias a respeito da história da imigração alemã no Brasil, essencialmente no Rio Grande do Sul, principalmente no que diz respeito à sua organização linguística, bem como aos empecilhos para a disseminação do Hunsriqueano.

De acordo com Muller (1980), entre 1824 e 1830, desembarcaram no Brasil cerca de cinco mil imigrantes falantes de Alemão em decorrência dos grandes problemas econômicos nos países de origem. Por sua vez, no Rio Grande do Sul, a cidade de São Leopoldo foi o berço da colonização alemã. Aos poucos, os imigrantes foram se espalhando no território do Rio Grande do Sul e se organizando em grupos, preservando dialetos locais. Por sua vez, Braun (2009) salienta que, na região Sul, se ouvia os mais variados dialetos, embora o mais falado fosse o Hunsrückisch. Aos poucos, ocorreu a incorporação de palavras estrangeiras às variedades faladas no Rio Grande do Sul, como explica Braun (2009, p. 85):

Muitas palavras que designavam aspectos da realidade brasileira não existiam no idioma alemão, palavras referentes à alimentação, à habitação, a utensílios domésticos, a ferramentas, a instrumentos agrícolas, à fauna, à flora, à geografia, a atividades e a situações. Os alemães passaram a “germanizar” essas palavras.

Tais “germanizações” aconteceram a partir do contato da língua de imigração com o português. Palavras como “maniack” (mandioca) são empréstimos antigos que os falantes do Hunsriqueano incorporaram à língua e que faz parte do seu sistema linguístico.

No cenário atual, a maioria dos falantes do Hunsriqueano é composta por adultos e idosos, o que torna a língua passível de ser extinta em poucas gerações. Um ponto-chave que contribuiu para a desvalorização e provável extinção dessa variedade foi o fato de o governo brasileiro proibir as línguas de imigração de serem faladas no país durante a ditadura de Vargas, devido ao processo de “nacionalização”, assim como aponta Payer (2006, p. 92):

A partir de 1937, com as modificações de ordem ideológica, econômica e jurídica, das quais resulta a forma do poder político de Vargas, a situação se modifica nas regiões de imigração, que passam a ser objeto das campanhas de nacionalização. Com elas se dá a homogeneização/regulamentação linguística dos imigrantes, através de uma tecnologia cujas minúcias são esclarecedoras dos modos de relação entre língua e nacionalidade naquele momento.

Esse fato restringiu o uso do Hunsriqueano a conversas de “dentro de casa”. As escolas que constituíam comunidades de imigrantes foram destruídas e o medo de falar as línguas de imigração forçaram muitos descendentes a aprender a Língua Portuguesa. De acordo com Braun (2009), muitos dos descendentes de alemães preferiam não ensinar aos filhos, principalmente nas grandes cidades, pois, com a maior convivência com brasileiros e lusos, se ouvia menos o idioma Alemão e a integração com o Português acontecia mais facilmente. No entanto, onde se ouvia e se comunicava apenas em alemão, tais medidas não foram eficazes, uma vez que, em muitas comunidades de fala, ainda se ouve tal língua, além de que muitos descendentes não se comunicam no idioma Português. É o caso do município de Vale Real/RS, localidade onde moram os sujeitos da pesquisa, sobre o qual será feito um breve apanhado a seguir.

2.3.1 O Município de Vale Real-RS

O município possui aproximadamente 5.118 habitantes, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2010). A população estimada para 2018 é de 5.842 habitantes. Vale Real/RS foi emancipado de Feliz/RS em 20 de março de 1992, tem uma área territorial de aproximadamente 45.085 km², fazendo divisa com os municípios de Alto Feliz, Feliz, Farroupilha, Nova Petrópolis e Caxias do Sul.

De acordo com Steffen (2003), a chegada das primeiras famílias de imigrantes alemães em Vale Real/RS se deu em 1851, visando a povoar essas terras a mando da colônia de São Leopoldo. De acordo com historiadores locais, as primeiras famílias que se podem destacar são as de sobrenome Finkler, Krewer, Freiburger, Stoffles, Petry, Schmitz, Seibert, Binsfeld, Rauber, Dresch e Schneider. Esses imigrantes nomearam a localidade de “Kronenthal”, que em tradução literal significa “Vale da Coroa”, devido aos morros que o cercam. A principal fonte de renda local era a agricultura. Após a derrubada das matas, os imigrantes alemães começaram o plantio de batata, aipim, alfafa e frutas. Posteriormente, chegaram os italianos, os quais se instalaram na parte mais alta do atual município.

O nome da localidade preservou-se “Kronenthal” até a implementação da política de nacionalização da Era Vargas, a qual proibiu as línguas de imigração, priorizando, dessa forma, a língua oficial. Esse fato contribuiu para a decadência das línguas de imigração e, conseqüentemente, para a redução de seus falantes.

Mais tarde, com o intuito de manter vivas as raízes culturais trazidas pelo povo alemão, criou-se em 1993 a *Kronenthal Fest*, a qual realiza-se até os dias atuais e objetiva lembrar os primeiros povoadores (colonos alemães), além de promover a integração da comunidade.

Pode-se dizer que a colonização dos imigrantes influenciou no modo de vida dessa comunidade no que diz respeito a costumes, tradições, culinária e também às diferentes formas de se comunicar. Nesse sentido, a influência da colonização alemã para o município vai além de costumes e tradições. Ainda que, no contexto atual, o município seja morada de pessoas de diferentes etnias, as raízes alemãs permanecem vivas, a língua falada pelos imigrantes (Hunsriqueano) ainda é utilizada em situações do cotidiano da comunidade em conversas de esquina, nos bares, em casa e até mesmo nas escolas. Muitas vezes, a língua portuguesa é restrita a

conversas de segundo plano e ainda há pessoas, especialmente idosos, que somente utilizam a variedade do alemão para se comunicar, visto que essa é a língua materna de muitos moradores.

2.4 ESTUDOS SOBRE O HUNSRIQUEANO

Atualmente, muitos são os estudos das diferentes línguas existentes no Brasil e, nesse sentido, os estudos acerca do Hunsriqueano estão tendo cada vez mais visibilidade. Faz-se necessário apresentá-los, uma vez que, para além de um ato investigativo, tais estudos possuem um objetivo em comum: contribuir para a preservação dessa língua, o que implica documentá-la. Esse também se torna um objetivo (ainda que secundário) desta pesquisa. A seguir, apresentam-se alguns estudos importantes a respeito do Hunsriqueano.

O Projeto Atlas Linguístico-Contactual das Minorias Alemãs (ALMA) na Bacia da Prata, coordenado atualmente por Harald Thun (CAU- Alemanha) e Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS), é um importante estudo que desenvolve subprojetos das diferentes variedades do Alemão. A etapa atual da pesquisa preocupa-se com o ALMA-H, o qual prioriza o estudo do Hunsrückisch, trazido para o país durante o período de imigração, principalmente no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo. Ainda, de acordo com esse projeto, há no Brasil um total de 14 variedades do Alemão, e o Hunsriqueano é a mais falada, tendo aproximadamente 1.200.00 falantes. No endereço eletrônico www.ufrgs.br/projalma é possível encontrar toda a metodologia e o desenvolvimento das pesquisas, teses, dissertações e monografias efetuadas a partir das línguas de imigração, principalmente no Hunsriqueano.

O Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) é um dos projetos do ALMA, visto que é utilizado como fonte de busca para identificar as variantes com que os imigrantes alemães e seus descendentes entraram em contato. Esse projeto elaborou mapeamento, por exemplo, das áreas de falantes bilíngues na Região Sul do Brasil.

O Inventário do Hunsrückisch como Língua Brasileira de Imigração (IHLBrI) faz parte do Projeto ALMA e é coordenado por Cléo Vilson Altenhofen em colaboração com o Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Lingüística (IPOL) e com o auxílio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o

qual vem sendo desenvolvido desde 2016 e visa documentar a língua de imigração, além de apresentar essa variedade como patrimônio cultural.

Outro estudo relevante a ser apontado é desenvolvido pelo tradutor e biólogo Piter Kehoma Boll, o qual desenvolveu um blog denominado Riograndenser Hunsrickisch, com aspectos explicativos sobre a gramática e fonologia do Hunsriqueano. O tradutor também desenvolveu um dicionário Hunsriqueano-Português, o qual pode ser acessado através do *site* www.hunsriqueanoriograndense.wordpress.com. Esse estudo é primordial para compreender essa língua e suas especificidades, sendo um material de bastante importância para os estudos sociolinguísticos e das variações linguísticas.

Abordado os principais estudos da variação, é necessário apresentar algumas noções de bilinguismo, bem como a perspectiva de tal conceito que esta pesquisa seguirá, visto que os falantes e sujeitos de pesquisa são bilíngues.

3 BILINGUISMO E CODE SWITCHING

Considerar as noções de bilinguismo sob diferentes perspectivas e apresentar a concepção a partir da qual esta pesquisa se fundamenta é de extrema importância. Desta maneira, apresentar-se-ão nas seções seguintes as definições de diversos autores no que diz respeito às concepções de bilinguismo e do *code switching*. O segundo considera-se uma capacidade comunicativa do ser bilíngue e elemento de sua importância comunicativa.

3.1 BILINGUISMO

Definir o conceito de bilíngue ou o bilinguismo em si não é tarefa fácil, uma vez que esse conceito é apresentado de diferentes formas por diferentes autores, e alguns se tornam controversos. Por isso, faz-se necessário apresentar as diferentes perspectivas.

Ao pesquisar por “bilinguismo” no dicionário Priberam, ele aponta dois conceitos:

- a) coexistência de dois sistemas linguísticos diferentes (língua, dialeto, fala etc.) numa coletividade, usados alternativamente pelos falantes segundo exigências do meio em que vivem ou de situações específicas;
- b) uso concomitante de duas línguas por um falante, ou grupo, com igual fluência ou com a proeminência de uma delas.

Sob essa perspectiva, a noção de bilinguismo vem ao encontro do proposto pela Sociolinguística e, no entanto, diverge da perspectiva de outros autores. Saer (1922), por exemplo, acredita que um bilíngue configura dois monolíngues em uma só pessoa que porta capacidade e desempenho igual ao de um falante nativo em ambas as línguas. Por outro lado, diverge da noção de Edwards (2006), por entender que todas as pessoas conhecem vocábulos em outra língua diferente da materna, Edwards (2006) crê que todos os indivíduos são bilíngues. Altenhofen (1990, p. 44), no entanto, discorda dos demais autores e acredita que “Em geral, o indivíduo domina apenas uma língua das 2.796 línguas que se supõem existirem - e isso nem sempre bem. [...] ninguém domina de igual modo uma língua, embora todos a dominem de modos parecidos.”

Altenhofen (1990) aponta ainda que o bilinguismo é relativo e, desta forma, define-o como “o uso de duas ou mais línguas pelo mesmo indivíduo.” (MACKEY, 1972, p. 555 apud ALTENHOFEN, 1990, p. 45). Ainda, salienta que, para se construir uma teoria Sociolinguística integrada ao bilinguismo, esse conceito deve ser visto e estudado sob uma perspectiva interdisciplinar, levando em consideração as inter-relações psicológicas, linguísticas e socialmente complexas.

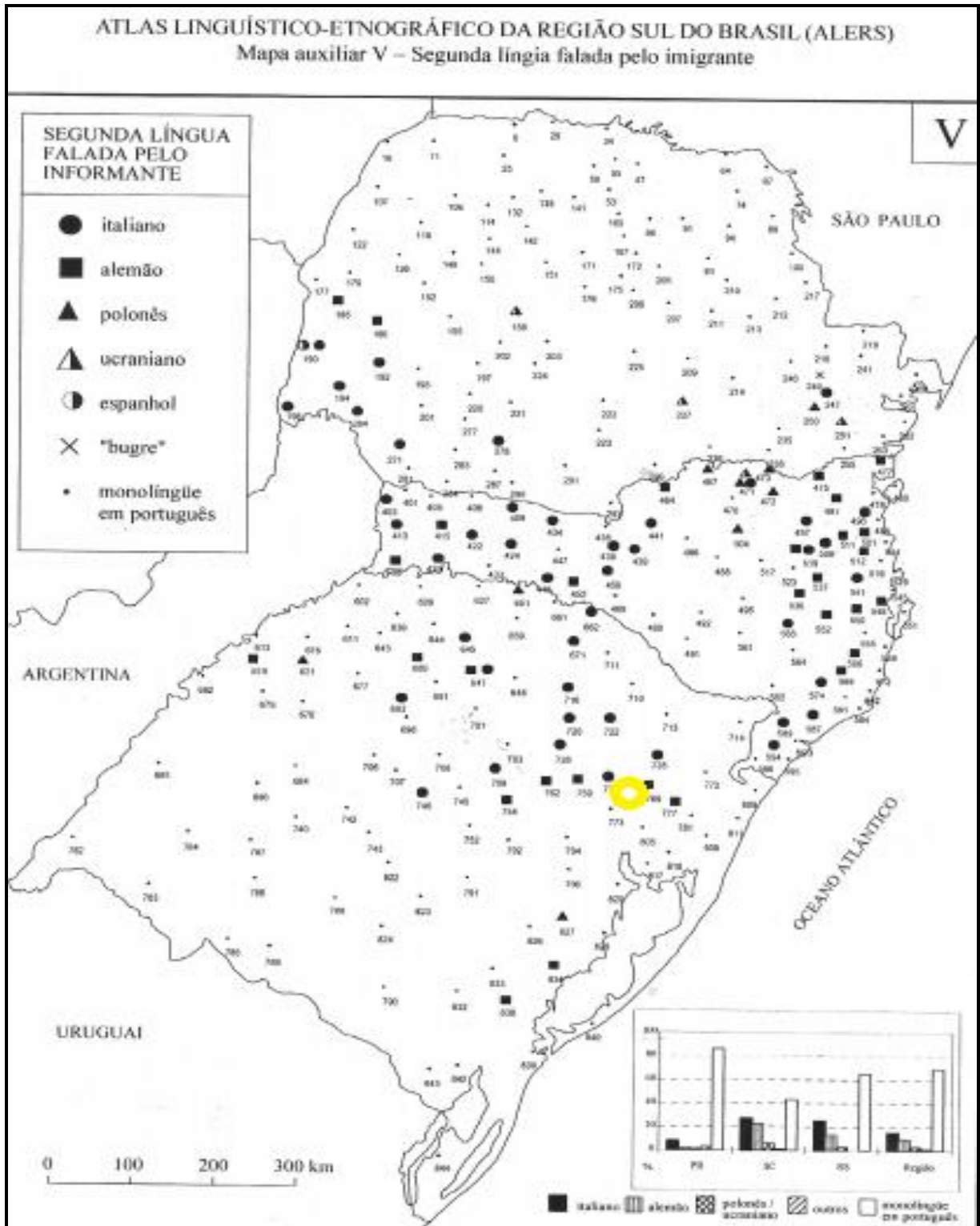
Por outro lado, bilinguismo na visão de Bloomfield (1933) distingue-se da noção de bilinguismo apresentada por Altenhofen (1990), uma vez que considera bilíngue a pessoa que consegue falar duas línguas de forma que domine as duas da mesma maneira e com proficiência compatível.

Consoante Heye (2003), para conceituar o bilinguismo, deve-se considerar algumas condições, tais como competência, domínio e função. O pesquisador também compreende o bilinguismo como sendo algo relativo e dependente de sua função em diferentes contextos, sejam eles no âmbito familiar, social, escolar ou profissional. Entende ainda que o uso de duas línguas na mesma comunidade de fala deve ser visualizado como algo dinâmico, e a alternância de códigos linguísticos, como inerente à condição bilíngue.

Levando em conta as noções de bilinguismo apresentadas por diferentes pesquisadores, levar-se-á em consideração que bilíngue é aquele que consegue se comunicar em duas línguas em diversos contextos, indiferente do grau de proficiência, podendo haver a oscilação de códigos linguísticos, justamente por compreender o fenômeno *code switching* como algo natural e inerente a falantes com tal capacidade comunicativa.

Para além dos conceitos apresentados acima, pode-se dizer que a região Sul é composta por inúmeras comunidades bilíngues, assim como a comunidade vale-realense, com falantes do Português e Hunsriqueano. Dessa forma, é essencial apontar o trabalho realizado pelo ALERS, que mapeou as áreas bilíngues na região Sul do Brasil, levando em consideração diferentes línguas, como: italiano, alemão, polonês, ucraniano, espanhol e “bugre”, como mostra a Figura 1.

Figura 2 – Áreas bilíngues da região Sul do Brasil



Fonte: KOCH; ALTENHOFEN; KLASSMANN (2011, p. 96).

A partir da observação do mapa, pode-se perceber que o município de Vale Real, marcado em amarelo, está situado em uma região de bilinguismo essencialmente da língua alemã e cercada por alguns pontos de bilinguismo de

língua italiana. Isto se explica pelo fato de os imigrantes alemães terem se instalado inicialmente em regiões mais planas e próximas a rios, como, por exemplo, na cidade de São Leopoldo e Vale Real, enquanto os imigrantes italianos instalaram-se em regiões mais altas devido ao plantio de uvas, por exemplo, como a cidade de Caxias do Sul.

3.1.1 Variação no bilinguismo

Da mesma forma em que há variações linguísticas em todas as línguas, há, ainda, a variação no bilinguismo. Mas, antes disso, é importante compreender a importância do bilinguismo em línguas minoritárias, assim como aponta Cavalcanti:

No Brasil, não se pode ignorar os contextos bilíngues de minorias, uma vez que no mapa do país pode-se localizar em uma pincelada não exaustiva: i. comunidades indígenas em quase todo o território, principalmente na região norte e centro-oeste; ii. comunidades imigrantes (alemãs, italianas, japonesas, polonesas, ucranianas, etc.) na região Sudeste e Sul, que mantêm ou não sua língua de origem; iii. comunidades de brasileiros descendentes de imigrantes e de brasileiros não-descendentes de imigrantes em regiões de fronteira, em sua grande maioria, com países hispano-falantes. (CAVALCANTI, 1999, p. 388).

Dando ênfase às línguas minoritárias, é possível afirmar que uma língua é considerada minoritária não pelo número de falantes, mas devido ao seu prestígio social. Dessa forma, muitos falantes dessas línguas dizem não saber falar Alemão, ou não se declaram bilíngues, pois não falam o Alemão padrão. Algo semelhante acontece com a Língua Portuguesa, cujos falantes dizem não saber falar Português em decorrência da língua ensinada na escola, a qual é considerada uma norma a ser respeitada e seguida, enquanto as variações linguísticas, isto é, as diferentes formas de falar são deixadas para segundo plano.

De acordo com Altenhofen (2013), há, no Brasil, cerca de treze variedades do Alemão identificadas, as quais podem ser visualizados no Quadro 2.

Quadro 2 – Variedades do Alemão identificadas no Brasil

- | |
|--|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. Alemão, Hochdeutsch 2. Austríaco 3. Bávaro 4. Boêmio 5. Bucavino 6. Hunsrückisch, Hunsrick, Hunsbucklisch (ou Hunsriqueano) 7. Kaffeeflickersh (pt. Língua de catador de café) 8. Plautdietsch 9. Pomerano 10. Suábio 11. Suíço 12. Vestfaliano, Plattdütsch (ou sapato-de-pau) 13. Wolgadeutsch, alemão do Volga, russo-alemão |
|--|

Fonte: adaptado de ALTENHOFEN (2013).

Da mesma forma que há variações na Língua Portuguesa, há variações no bilinguismo, em que os falantes podem fazer oscilações de códigos linguísticos de duas variedades de base igual (alemão padrão e Hunsriqueano, por exemplo), ou de duas variedades de base diferente (Hunsriqueano-Português), o que ocorre com os sujeitos desta pesquisa. Nesse sentido, acerca da variação no bilinguismo, Altenhofen (1990) afirma que:

Uma vez que há dois sistemas linguísticos distintos em contatos na comunidade bilíngue, assumimos que as variantes aí encontráveis terão o traço [L1] ou [L2], ou ainda, eventualmente, um traço intermediário [L1/L2], conforme reúnam elementos mais desta ou daquela língua envolvida. (ALTENHOFEN, 1990, p. 40).

Para o indivíduo bilíngue, anuncia-se, em cada situação, a necessidade de optar por um código ou outro, e essa escolha não acontece de forma aleatória, mas por diversos fatores, dentre eles os extralinguísticos, que são subjacentes às estruturas de ambas as línguas. Esse processo de troca de códigos se dá de três maneiras: *diglossia*, *code switching* e *language shift*. (ALTENHOFEN, 1990). Trataremos especificamente de *code switchig* na seção seguinte.

3.2 ASPECTOS SOCIOLINGUÍSTICOS DO *CODE SWITCHING*

O *code switching*, objeto de estudo desta pesquisa, pode ser conceituado sob a perspectiva de diferentes autores. No entanto, é importante pôr em evidência que,

embora se faça um apanhado geral dos estudos acerca desse fenômeno, o objetivo deste estudo não é de classificá-lo, mas, sim, identificar tal fenômeno nas situações de fala dos sujeitos investigados, falantes do Hunsriqueano, com o intuito de compreender em que classe de palavras ele é mais corriqueiro. Para tanto, pressupõe-se que as trocas de códigos linguísticos se dão particularmente em substantivos no geral, em verbos e interjeições.

O fenômeno *code switching*, expressão utilizada para designar as trocas de códigos linguísticos, durante muito tempo foi compreendido como um erro de desempenho dos falantes, uma vez que não se levava em consideração o fato de que esses possuem proficiência em duas línguas. Logo, não se trata de uma estratégia alternativa empregada por falantes bilíngues imperfeitos, tampouco de uma falta de proficiência, mas, de acordo com Gumperz (1982), trata-se de uma estratégia discursiva.

Inicialmente, os estudos do *code switching* não eram considerados relevantes. Somente a partir dos estudos dos norte-americanos John Gumperz e Dell Hymes, em 1972, é que o fenômeno passou a ter prestígio e a ser visto como algo significativo. Gumperz, também precursor da Sociolinguística Interacional, define o *code switching* como “a justaposição dentro do mesmo fragmento de fala de passagens pertencentes a dois sistemas ou subsistemas gramaticais distintos.” (GUMPERZ, 1982, p. 59).

Para Gumperz (1982), as escolhas linguísticas são consideradas estratégias sociais, ou seja, os falantes não utilizam a linguagem somente por conta das suas identidades sociais ou de fatores situacionais, mas também para transmitir significados sócio-pragmáticos. Ainda, a escolha do código é uma estratégia discursiva, visto que o uso de uma variante em detrimento de outra possui relevância intencional para o significado da mensagem.

De acordo com Porto (2010, p. 4), a partir de estudos da alternância de códigos linguísticos no esloveno-alemão, na Áustria; no inglês-hindi, na Índia; e espanhol-inglês nos Estados Unidos, visando a elaborar tipologias funcionais do *code switching*, Gumperz categorizou as funções do fenômeno em seis categorias: citações, especificação do interlocutor, interjeições, reiteração, qualificação da mensagem, e personalização *versus* objetivação. Baseados na categorização efetuada pelo teórico, outros pesquisadores contribuíram para os estudos do *code switching*, propondo razões para a troca de códigos linguísticos.

A partir disso, o *code switching* tem sido categorizado de acordo com diferentes perspectivas. Com o intuito de classificá-lo, Blom e Gumperz (1972) identificam dois tipos de *code switching*: o metafórico e o situacional, que se referem não apenas à língua, mas também ao seu contexto de uso. Moutinho (2013, p. 47) define o *code switching* metafórico e situacional da seguinte maneira:

O code-switching metafórico, por sua vez, relaciona-se mais com tipos particulares de tópicos do que com mudanças na situação social, adicionando ao discurso significados subjacentes. O code-switching situacional ocorre quando há uma mudança nas normas que governam a interação de acordo com a situação em que os falantes se encontram, acarretando uma redefinição da situação, dos direitos e obrigações dos participantes.

De forma mais esclarecedora, o *code switching* metafórico diz respeito às intenções do falante e aos sentidos almejados por ele. Aqui, os elementos alternados fazem parte da mesma situação de fala e estão interligados por aspectos semânticos e sintáticos. Em contrapartida, o *code switching* situacional refere-se à língua e ao contexto social em que ela é usada, de modo que cada código tem um papel específico no discurso do falante. Assim, os códigos são alternados em função da situação e dos interlocutores.

Entretanto, uma das categorizações mais abrangentes do *code switching* é a de Dabène e Moore (1995), que o classificam em: intra-sentencial, inter-sentencial e entre enunciados, dependendo da posição das alternâncias na sentença.

O *code switching* intra-sentencial ocorre quando, dentro de uma mesma sentença, o falante faz a alternância entre os dois sistemas de que dispõe. Dessa maneira, apenas um elemento da frase pode ser afetado (forma unitária) ou mais de um elemento pode se alterar dentro de uma frase (forma segmental).

O *code switching* inter-sentencial se dá quando as línguas se alternam de uma sentença a outra. Tal alternância não ocorre dentro do mesmo turno da conversação, mas dentro do mesmo tópico de conversação; isso significa que uma sentença é produzida em uma língua e a seguinte, correspondente ao próximo turno do mesmo falante, na outra.

O *code-switching* entre enunciados acontece quando se alterna para a outra língua após um período bastante longo de uso da primeira. Ocorre no mesmo diálogo, quando a primeira frase pronunciada na língua-base da interação encontra-se relativamente distante da primeira frase pronunciada no outro sistema.

Conhecendo a língua objeto deste estudo, a comunidade linguística que a fala, bem como os sujeitos desta pesquisa, é possível afirmar que, em diferentes contextos, o *code switching* Hunsriqueano-Português acontece nas três categorias apresentadas por Dabène e Moore (1995). No entanto, é importante lembrar que o objetivo deste estudo não é classificar este contexto de trocas linguísticas a partir dos autores citados acima, mas sim identificar em que classe de palavras essas trocas são mais recorrentes no *code switching* intra-sentencial.

4 METODOLOGIA

Nesta seção, apresenta-se o percurso metodológico da pesquisa, tais como o objeto de estudo, o tema, as hipóteses e os sujeitos da pesquisa, a fim de esclarecermos a análise dos dados realizada.

4.1 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

É essencial, primeiramente, apresentar os objetivos deste estudo: identificar o fenômeno *code switching* nas situações de uso da língua de imigração Hunsriqueano; classificar a classe gramatical dos elementos recorrentes do *code switching* Hunsriqueano-Português; contribuir para a preservação escrita do Hunsriqueano no sentido de documentá-lo (objetivo secundário).

Para tanto, elaborou-se um estudo de caso das famílias Schneider e Massing, falantes do Hunsriqueano, no qual a coleta de dados se fez por meio de uma entrevista semiestruturada e com o auxílio de um gravador. Após, sucedeu-se a transcrição e tradução das entrevistas, as quais serão examinadas a partir das seguintes categorias analíticas: sexo/gênero, idade, língua materna e grau de escolaridade dos falantes. Ainda, para fins de análise, só serão levados em considerações entrevistas que contenham o *code switching* e, dessa forma, frases faladas no Português durante a gravação serão descartadas e não serão classificadas quanto a sua classe gramatical.

4.2 TEMA DE PESQUISA E HIPÓTESES

Na presente pesquisa, desenvolveu-se um estudo de caso dos falantes do Hunsriqueano, respectivamente com membros da família da autora (Schneider e Massing), de ambos os sexos, que são descendentes de alemães e residentes da cidade de Vale Real/RS, durante um intervalo de tempo de 9 meses. Posteriormente sucedeu-se uma análise linguística do *code switching*, isto é, a troca de códigos linguísticos, nas situações de uso da língua de imigração específica, com o intuito de constatar em que classe de palavras ele é mais corriqueiro. Logo, pressupõe-se que o *code switching* ocorre essencialmente em substantivos, interjeições e alguns verbos. Supõe-se que a explicação para a ocorrência desse fenômeno seja o fato de

os falantes não saberem, terem esquecido ou não utilizarem com frequência algumas palavras.

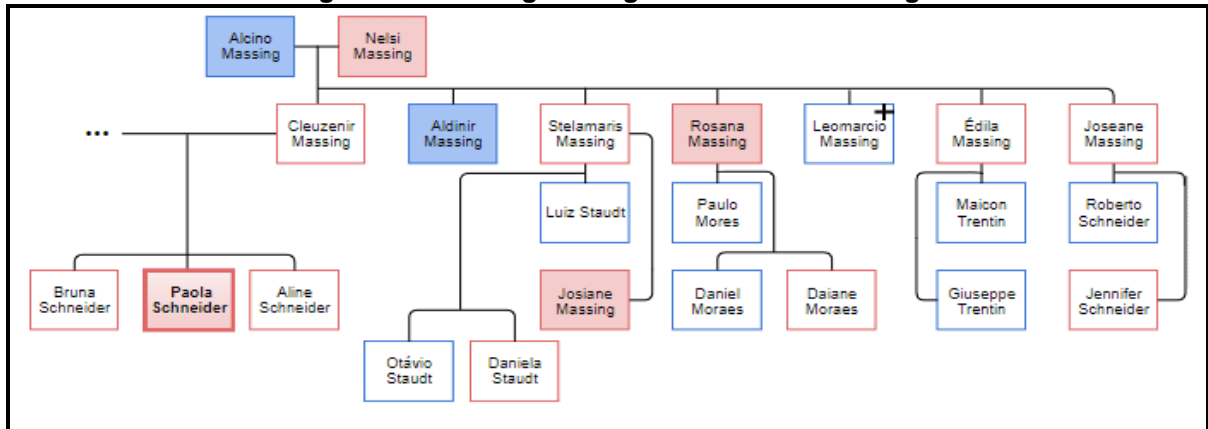
4.3 SUJEITOS DA PESQUISA: FAMÍLIAS MASSING E SCHNEIDER

Primeiramente, antes de apresentar e descrever os sujeitos da presente pesquisa, faz-se necessário explicar a razão de escolher esta temática para o desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso. Isso se deu pelo fato de as raízes da autora ser de descendência alemã, ser falante parcial do Hunsriqueano e de conviver com essa forma de comunicação desde muito cedo, além de que essa língua representa uma riqueza cultural, que se faz necessário investigar e tentar, de alguma forma, mesmo que minimamente, contribuir no sentido de documentá-la. A troca de códigos linguísticos já apontados sempre foi observada pela autora e, em algumas situações, questionada: qual o motivo dessa mistura de línguas? Por que isso ocorre? Ao ingressar no curso de Letras, outra questão se fez importante: Em que classe de palavras essa troca é predominante?

Ao apresentar os sujeitos de pesquisa utilizados para desenvolver a análise linguística, é necessário, ainda, levantar alguns dados significativos no âmbito de investigação, relacionados às famílias da autora envolvidas neste estudo de caso. Trata-se da família Massing, a qual representa parentesco por parte de mãe e a família Schneider, que representa parentesco por parte de pai. Os membros de ambas são descendentes de alemães e praticam a fala do Hunsriqueano no seu cotidiano.

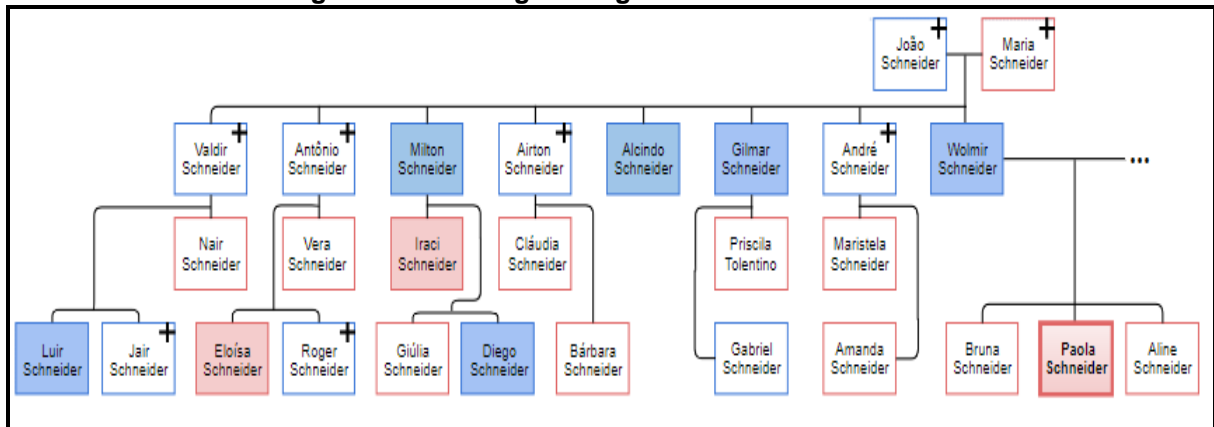
Nas figuras 3 e 4, podem-se observar as árvores genealógicas das famílias Schneider e Massing, nas quais permanecem 15 falantes bilíngues, dentre eles, os avós maternos, 6 tios e 4 primos, sendo 5 mulheres e 8 homens. Esses foram os sujeitos entrevistados para posterior análise linguística.

Figura 3 – Árvore genealógica da família Massing



Fonte: elaborada pela autora (2018).

Figura 4 – Árvore genealógica da família Schneider



Fonte: elaborada pela autora (2018).

A família Schneider tem raízes na Alemanha, sendo que o tataravô veio do país germânico no período de imigração. Ao chegarem ao Brasil, se instalaram na região de Vale Real/RS (antigamente pertencente ao município de Feliz/RS), na atual localidade de Morro Gaúcho. A comunicação entre os avós paternos e seus oito filhos era, unicamente, na língua de imigração e, portanto, a língua materna dessa família (até os tios) é o Hunsriqueano. No entanto, esse modo de se comunicar se modificou com o período de nacionalização da Era Vargas, no qual se proibiram as línguas de imigração. Dessa forma, nas escolas, os imigrantes e seus descendentes somente poderiam se comunicar em português e, a partir disso, essa família passou a aprender a língua portuguesa que é, dessa forma, sua segunda língua. No entanto, eles relatam a dificuldade que sentiram para adquirir a nova língua, uma vez que só sabiam falar a língua de imigração; chegavam à escola e a professora só falava português. A difícil tarefa de ser “obrigado” a aprender uma

nova língua é lamentada por parte dos familiares da autora. Foi um processo de que recordam de forma árdua e complexa.

O Hunsriqueano continua integrando as comunicações entre os quatro irmãos ainda vivos. Nessa família, o costume de passar o Hunsriqueano de geração para geração não se efetivou por inteiro, o que resultou em apenas 3 primos falantes (ainda vivos). Acredita-se que isso não tenha ocorrido em razão da influência da Língua Portuguesa no cotidiano dessa família. Todavia, quanto à autora e as duas irmãs, isso se deu pelo fato de a mãe não ser falante do Hunsriqueano, visto que passavam a maior parte do tempo com ela, enquanto o pai trabalhava.

A família Massing é natural de Chapada/RS, cidade localizada no norte do estado do Rio Grande do Sul, e constitui, juntamente com o avô e a avó da autora, uma família com 7 filhos. Na infância, tanto o avô quanto a avó comunicavam-se unicamente no Hunsriqueano e aprenderam a falar a Língua Portuguesa mais tarde, devido às comunidades linguísticas de Língua Portuguesa e Italiana que os cercavam. Dessa forma, a língua materna dos avós maternos é o Hunsriqueano e o Português é a segunda língua. Em consequência das comunidades linguísticas italianas e de língua portuguesa que os cercavam, os seus sete filhos não aprenderam a se comunicar no Hunsriqueano quando crianças, sendo, portanto, a Língua Portuguesa a língua materna dos tios da autora.

Em 1988, a família Massing chegou em Vale Real/RS, cidade a qual foi povoada por alemães. Neste contexto, apenas dois dos sete tios desenvolveram a habilidade de fala da língua de imigração. Há outro fator que contribuiu para que a maioria dos tios não desenvolvessem essa habilidade: o Hunsriqueano era utilizado pelos avós quando falavam de um assunto que não queriam que os filhos entendessem, conseqüentemente não estimularam seus filhos a aprender esta língua.

As situações de interação do cotidiano dessa família são, em sua maioria, na Língua Portuguesa, em virtude dos motivos já apresentados. Contudo, há muitas situações em que se pratica a língua de imigração.

Ainda é necessário apontar que, em ambas as famílias, os integrantes que não falam o Hunsriqueano o compreendem muito bem. É habitual um falante fazer perguntas e conversar no Hunsriqueano e o não falante desta língua entender o que está sendo falado e responder em Português.

Apresentados os sujeitos de pesquisa, torna-se necessário apresentar os problemas apresentados no seu desenvolvimento. Como já esclarecido na seção metodológica, para desenvolver a pesquisa, fez-se a aplicação de entrevistas semiestruturadas, conforme um roteiro (Apêndice A), apenas com os familiares falantes, nas quais se utilizou um aparelho celular com gravador para a coleta de dados. As entrevistas foram desenvolvidas em quatro tópicos, nos quais os entrevistados falaram sobre:

- a) sobre a infância;
- b) uma história feliz da infância;
- c) uma história triste da infância;
- d) uma piada.

A aplicação da entrevista foi encarada de forma animada pelos entrevistados. No entanto, um fator influenciou a coleta de dados: a utilização do aparelho celular constrangeu alguns participantes, fazendo com que eles não falassem de uma maneira natural, como falam normalmente, esforçando-se para falar corretamente e não cometer as trocas de códigos linguísticos. Dessa forma, acredita-se que este fator tenha interferido na fala dos participantes. Ao perceber esse contratempo, foram informados pela autora sobre a importância de se falar o mais natural possível para a autenticidade da pesquisa.

Por fim, na família Schneider, coletaram-se os dados de 4 tios, do pai e 3 primos da autora. Na família Massing, coletaram-se os dados dos seus avós maternos, 2 tios e uma prima, totalizando 13 entrevistados, dos quais 5 são mulheres e 8 são homens.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise dos dados, levaram-se em conta as seguintes categorias analíticas e fatores extralinguísticos: sexo/gênero, grau de escolaridade, idade e língua materna dos falantes. Para tanto, para que esta análise pudesse ser realizada, compararam-se tais fatores. Também, como forma de organização dos dados, os falantes foram nomeados com as siglas F1 a F13, por exemplo, designados assim de acordo com a familiaridade, sendo o F1 e F2 avós, F3 à F9 pai e tios e F10 à F13 primos, conforme mostra o quadro abaixo:

Quadro 3 – Informações sobre os entrevistados

<p>F1: avô Idade: 81 anos Grau de escolaridade: Ensino Fundamental Completo Família: Massing L1: Hunsriqueano L2: Língua Portuguesa</p>
<p>F2: avó Idade: 71 anos Grau de escolaridade: 5ª série Família: Massing L1: Hunsriqueano L2: Língua Portuguesa</p>
<p>F3: tio Idade: 56 anos Grau de escolaridade: 5ª série Família: Schneider L1: Hunsriqueano L2: Língua Portuguesa</p>
<p>F4 pai Idade: 51 anos Grau de escolaridade: 5ª série Família: Schneider</p>

L1: Hunsriqueano L2: Língua Portuguesa
F5: tio Idade: 48 anos Grau de escolaridade: Ensino Fundamental Completo Família: Schneider L1: Hunsriqueano L2: Língua Portuguesa
F6: tio Idade: 46 anos Grau de escolaridade: Ensino Médio Completo Família: Schneider L1: Hunsriqueano L2: Língua Portuguesa
F7: tio Idade: 51 anos Grau de escolaridade: 5ª série Família: Massing L1: Língua Portuguesa L2: Hunsriqueano
F8: tia Idade: 49 anos Grau de escolaridade: Ensino Fundamental Completo Família: Massing L1: Língua Portuguesa L2: Hunsriqueano
F9: tia Idade: 51 anos Grau de escolaridade: 5ª série Família: Schneider L1: Hunsriqueano L2: Língua Portuguesa

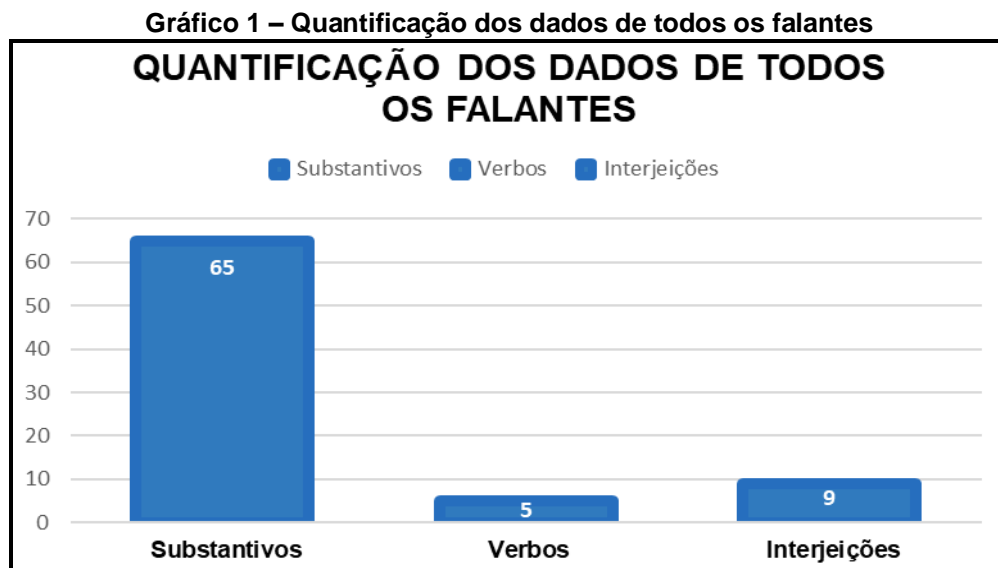
<p>F10: primo Idade: 38 anos Grau de escolaridade: Ensino Fundamental Completo Família: Schneider L1: Hunsriqueano L2: Língua Portuguesa</p>
<p>F11: primo Idade: 31 anos Grau de escolaridade: Ensino Fundamental Completo Família: Schneider L1: Língua Portuguesa L2: Hunsriqueano</p>
<p>F12: prima Idade: 29 anos Grau de escolaridade: Ensino Médio Completo Família: Massing L1: Língua Portuguesa L2: Hunsriqueano</p>
<p>F13 : prima Idade: 23 anos Grau de escolaridade: Ensino Médio Completo Família: Schneider L1: Hunsriqueano L2: Língua Portuguesa</p>

Fonte: elaborada pela autora (2018).

No decorrer das transcrições das gravações, percebeu-se que o *code switching* do Português para o Hunsriqueano acontece de duas maneiras: em palavras derivadas do Português, mas já incorporadas ao Hunsriqueano e adaptadas à fonética e à gramática da língua, sendo empréstimos antigos, e em palavras em Português usadas sem adaptação. No entanto, para este estudo, analisaram-se exclusivamente as palavras utilizadas sem adaptação e, dessa maneira, as palavras utilizadas com adaptação (empréstimos) farão parte de estudos futuros. Sendo assim, durante o desenvolvimento desta análise, as palavras

que representam empréstimos antigos e adaptações estarão sublinhadas e as que são usadas sem adaptação estão em negrito e em letra maiúscula.

No Gráfico 1, apresenta-se a quantificação das palavras empregadas em Língua Portuguesa (sem adaptação) durante as situações de fala no Hunsriqueano a partir das quatro temáticas apresentadas na metodologia. Aqui, quantificaram-se os dados das três classes de palavras observadas nos dados de todos os entrevistados.



Fonte: elaborado pela autora (2018).

A partir do Gráfico 1, pode-se perceber que a classe de palavras em que o *code switching* predomina são substantivos, seguidos pelas interjeições e verbos. Os verbos, por sua vez, são empregados em sua maioria com adaptação, por este motivo aparecem em menor quantidade, visto que foram analisadas somente as palavras do Português utilizadas em hunsriqueano sem adaptação, embora as palavras com adaptação sejam utilizadas para justificar alguns usos. Abaixo, pode-se observar alguns casos em que os verbos são utilizados com adaptação, a partir da temática *piada* pelo falante 6, em que se recortou este fragmento:

F6: “*Do waare mol drei Menner geweend. Eener Deitsche, eener Brësilaaner, eener Italieener. Alte Mensche schun, awer altche, un do, waare-se schun dicht aam Sterrve, awer altche, altche schun. Eemol hon-se dann de Herrgott gesihn for aan sich, die drei beisammer gehuckd, un do hod de Hergott dann gesaad jedeenne kennd en **DESEJO** ferlange, un do däd dat bässeere, un däd dat rësolveere[...].*”

“Havia três homens. Um alemão, um brasileiro e um italiano. Pessoas velhas já, mas velhinhos, então já estavam perto da morte, mas velhinhos, velhinhos já. Uma hora viram Deus na sua frente, os três sentados juntos, então Deus disse que cada um poderia fazer um pedido e isso aconteceria, isso se resolveria [...].”

Neste trecho, o verbo *resolver* adaptou-se ao Hunsriqueano e, dessa forma, tornou-se *rësolveere*. O mesmo acontece com o verbo “festejar” em que tornou-se *festescheerd* e pode-se observar na temática em que o falante 6 contou sobre a infância:

F6: *“Wie meer kleen waare, do sin meer, mussd meer weiter in die Schul gehn, had schun fier kilometer gebb, dann waar die **GURIZADA** beisammmer. Dann Sunndachs ham-mer Lenkkarett gefaar, uff die Affebeerebeem gekraueled, Affebeere gess, mannichmol is-ma aach uff de Fusball gang, dann Sunndachs mannichmol ham-mer maaie in die Kerrbe, waare fiel Kerreb geweend, sin die Unkle komm, hon-se festescheerd un...”*

“Quando éramos pequenos, aí éramos, tínhamos que continuar indo na escola, já dava cinco quilômetros, então a gurizada estava junta. Aí aos domingos andávamos de carreta, trepávamos no pé de fruta-do-conde, comíamos fruta-do-conde, às vezes íamos também ao futebol, então no domingo às vezes íamos passear nos Kerbs, havia muitos Kerbs, os tios vinham, festejavam e...”

Além de verbos, há alguns casos de substantivos que sofreram o processo de adaptação ou “germanização” e foram adaptados ao Hunsriqueano, assim como apresentam os dados abaixo, durante uma situação de conversação do falante 1 com o falante 2:

F1: *“Misse-mer uff die Schakre faare, Mann. ”*

F2: *“Ja, was mache dann? ”*

F1: *“Ja, misse-mer Zwiwle planze, misse-mer Knuwloch planze, misse Unkraut roppe...”*

F2: *“Maniock schele...”*

F1: *“Maniock schele... Batatte graave...”*

F1: “Temos que ir para a chácara, homem.”

F2: “Ora, fazer o quê então?”

F1: “Ora, temos que plantar cebola, temos que plantar alho, temos que arrancar o inço...”

F2: “Descascar aipim...”

F1: “Descascar aipim... enterrar batata...”

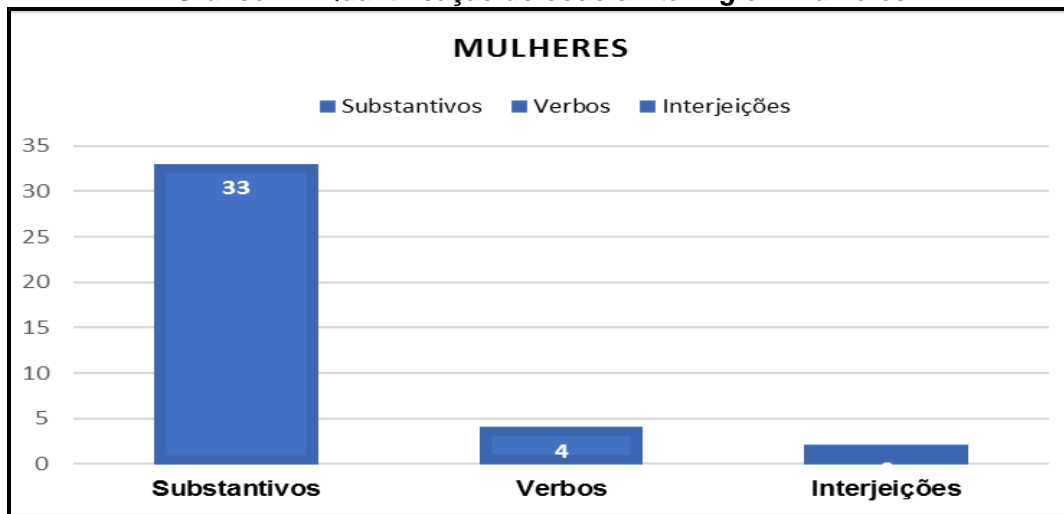
Na conversação acima, pode-se observar três substantivos que são empréstimos da Língua Portuguesa e foram adaptados ao Hunsriqueano: *maniock* (mandioca), *battatte* (batata) e *schakre* (chácara).

A partir dos exemplos apresentadas acima, averiguou-se que os verbos, em sua maioria, são empregados a partir de adaptações, embora alguns falantes façam o *code switching* sem adaptações. Os substantivos, por sua vez, são empregados, na maioria das vezes, sem adaptações, salvos alguns casos. As interjeições são utilizadas totalmente sem adaptação, muitas formadas a partir da redução de expressões verbais, tais como “é” e “tá”.

A seguir, são analisadas as trocas de códigos linguísticos a partir das categorias: sexo/gênero, idade, grau de escolaridade e língua materna, bem como são apresentados os gráficos quantitativos.

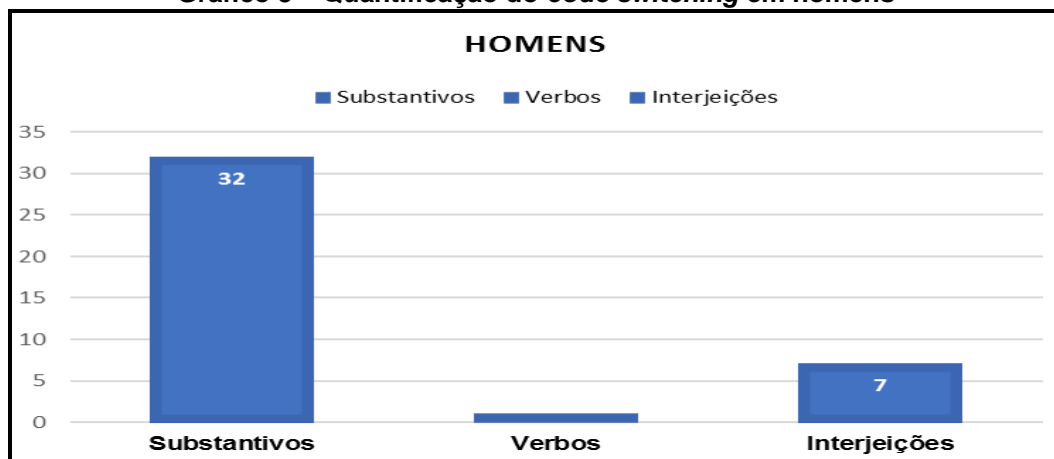
5.1 CATEGORIA ANALÍTICA: SEXO/GÊNERO

Ao observar os dados coletados por esta pesquisa, constatou-se que o sexo/gênero dos falantes tem efeito sobre a troca de códigos linguísticos nas categorias verbos, substantivos e interjeições. Para tanto, apresenta-se o Gráfico 2 que se refere aos 5 falantes do sexo feminino.

Gráfico 2 – Quantificação do *code switching* em mulheres

Fonte: elaborado pela autora (2018).

O Gráfico 3 se refere aos 8 falantes do sexo masculino.

Gráfico 3 – Quantificação do *code switching* em homens

Fonte: elaborado pela autora (2018).

Comparando-se os gráficos 1 e 2, pôde-se perceber que os homens cometem menos *code switching* nos verbos e mais em interjeições. Por outro lado, as mulheres cometem mais trocas linguísticas em verbos do que em interjeições. Por sua vez, a troca de códigos linguísticos entre substantivos é equilibrada. Ao contabilizar o número de *code switching* realizados entre as 5 mulheres, soma-se um total de 40 trocas, das quais 33 acontecem com substantivos, 4 em verbos e 2 em interjeições. Os 8 falantes do sexo masculino, por sua vez, somaram um total de 40 trocas, das quais 32 aconteceram em substantivos, uma em verbo e 7 em interjeições.

No entanto, levando-se em consideração o número de falantes de cada sexo, concluiu-se que as mulheres cometem mais trocas de códigos linguísticos. Esta afirmação comprova-se em duas situações em que ambos falantes têm idades semelhantes, partilham da mesma língua materna (Hunsriqueano) e têm mesmo grau de escolaridade (5ª série). Aqui, selecionou-se a temática em que os entrevistados falam sobre a infância em um modo geral. O falante 3 é do sexo/gênero masculino e o falante 9, do sexo/gênero feminino. Veja-se:

F3: *“Meer mussde immer fiel schaffe, mussd die Schweinstell sauvermache, die Geesstell, die Fieh fittre un... waar alles so schlimm geweest, un dann mussd-ma in die... halve Daagh in die Schul gehn. Do mussd-ma weit gehn, barfusich gelaaf. Keen Schlappe gehad fer aansedun. Han so warme Schlappche kried fer aansedun wenn-ma in die Schul komm. Dann hon se geweshd die Fis un do hom-mer die mol aangedun. Waar alles... un dann so aam Samsdach, Sonndach waar-et scheener. Konnte-mer immer spiele. Mim Gaul geridd, Lenkkarett gefaar, so... alle so Dinger meer abgelehd... dat Zeide.”*

“Sempre tínhamos que trabalhar muito, tinha-se que lavar o chiqueiro, o curral das cabras, alimentar os animais e... era tudo difícil, e aí tínhamos que ir na... metade do dia na escola. Aí se tinha que caminhar longe, andar descalço. Sem ter chinelo para botar. Ganhávamos uns chinelinhos quentes para botar quando se chegava na escola. Aí lavavam os pés e os vestíamos. Era tudo... e aí assim no sábado, domingo era melhor. Podíamos sempre brincar. Andávamos com o cavalo, andávamos com o carrinho de lomba, assim... Coisas assim me vem daquele tempo.”

F9: *“Iwer **INFÂNCIA EM GERAL**. Meer han fiel gespielt in Geschwisder, meer sin de Laade raus gehupsd. De Bruder had bis en Aarme ferbroch. Un meer han fiel gegappd, im Reen rom gespielt. Un... waar in Plantaasch gang mim **PAI** un **MÃE** un... Waar scheen geweend*. **ERA**... waar en Zeid wo, wo ma froh waar. Wo ich scheen gefunn hon. Hadde genuch se esse gehad.”*

“Sobre a infância no geral. Nós brincávamos muito entre irmãos, pulávamos pela janela. O irmão até quebrou um braço. E nós nos balançávamos bastante,

brincávamos na chuva. E... íamos na roça com o pai e mãe e... Era bonito. Era... era um tempo em que, em que éramos felizes, que eu achava bonito. Tínhamos o bastante para comer.”

Agora, compara-se o falante 1, do sexo/gênero masculino, e o falante 2, do sexo/gênero feminino, na temática *piada*, os quais portam as mesmas características que os falantes acima: ambos têm idades semelhantes, partilham da mesma língua materna (Hunsriqueano) e têm grau de escolaridade parecido, embora sejam de sexos diferentes. O F1 é do sexo/ gênero masculino e o F2 é do sexo/ gênero feminino.

F1: *“Do waar mol en Guri in die Schul gang... en Schul Guri geweest. Un do had die Lehrin gefrohd, wie fiel Euer dääd en Hinkel lehe de Daagh. Anner Daagh solld-er de Resposta gewe de Lehrin. Un do is-er anner Daagh in die Schul komm, had die Lehrin gefrohd: “Wie fiel Euer lehd een?” “Ah, ich hon schun fergess!” had-er gassad, né. “Ich wees gaar nie meh”. Un do “Bist-du so fergesser?” “Io, du hast mich mol en Pergunta gemach. Wie fiel Euer dääd en Hinkel lehe. Ich dun dich mol aach was frohe. Wie fiel Ditze, wie fiel Ditze had en Sa... en Sau, en Mok né.” “Ei, ich wees net.” Häd de Guri gasaad iwich die Lehrin. g. Heit had-ich die Ditze gegriff.” “Ha, du hast mich in de Euer gefang. Heit had-ich die Ditze gegriff.”*

“Um guri foi uma vez à escola... um guri que ia à escola. E aí a professora perguntou quantos ovos uma galinha punha por dia. No outro dia ele deveria dar a resposta à professora. Aí ele foi no outro dia à escola, a professora perguntou “Quantos ovos uma galinha põe?” “Ah, eu já esqueci” ele disse, né. “Eu já não sei mais”. E aí “És tão esquecido?” “Sim, você me fez uma pergunta. Quantos ovos uma galinha põe. Eu também vou te perguntar uma coisa. Quantas tetas, quantas tetas tem uma po... uma porca, uma porca com filhotes, né.” “Ai, eu não sei”. O guri disse para a professora “Ha! Você me pegou pelos ovos. Hoje eu te peguei pelas tetas.”

F2: *“En mool waar en Mann un en Fraa. De Mann had immer **CAMINHÃO** gefaar. Frett gefaar. Un die Fraa had en gewaart, bis-er hemm solld komme. Um die had sich gebaad, scheen aangedun, uff eemol hod-se sich ins Bett geled. Un de Mann komm un keen Kuss nicks gebb, un geschlof. Un do häd die Ma... die Fraa*

*gesaad... häd-se en wach gemachd un saad “Mann, waromm suchst-du mich net? ”
“Ei, fer was fersteckelst-du dich net?”*

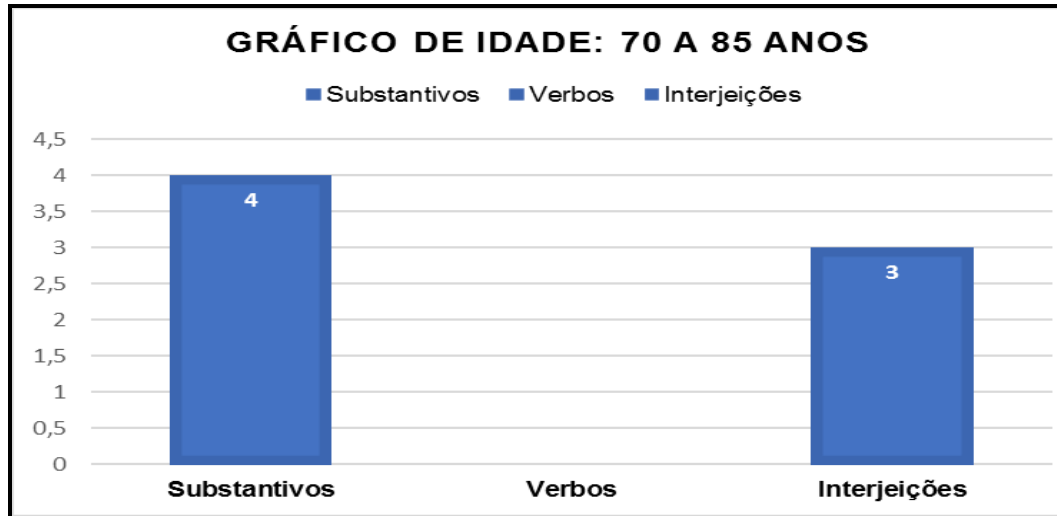
“Uma vez havia um homem e uma mulher. O homem sempre dirigia caminhão. Fazia frete. E a mulher o esperava, até ele vir para casa. E ela se banhou, se vestiu bem, uma hora se deitou na cama. E o homem veio e nem deu um beijo, e dormiu. E aí a ma... a mulher disse... o acordou e disse “Homem, porque você não me procura?” “Ora, por que você não se esconde?”

A partir dos gráficos e dos exemplos apresentados acima, concluiu-se que, embora o *code switching* aconteça nas mesmas classes de palavras para todos os falantes, sejam eles do sexo/ gênero feminino ou masculino, nesta categoria analítica da pesquisa, mulheres cometem mais trocas de códigos linguísticos se comparado aos homens. Talvez isso possa ser explicado pelo fato de as mulheres serem mais expostas a ambientes bilíngues, uma vez que mulheres tendem a ter círculos sociais maiores do que homens e, dessa forma, têm um contato maior com falantes de Português e Hunsriqueano, enquanto homens têm círculos sociais menores e não usam tanto o Português. Certamente, esta é uma das possíveis explicações para o resultado deste dado, embora possam existir outras possibilidades que o expliquem.

5.2 CATEGORIA ANALÍTICA: IDADE

A idade dos falantes influencia o *code switching*, visto que as pessoas com mais idade cometem menos trocas de códigos linguísticos do que os jovens. Isso se explica, pois, na maioria das vezes, pessoas mais novas têm mais contatos com a língua portuguesa e as mais velhas, não. Ainda, no contexto desta pesquisa, pessoas com idades mais elevadas tendem a ter o Hunsriqueano como língua materna (L1), enquanto as mais jovens tendem a ter a Língua Portuguesa como língua materna (L1). Desse modo, o Gráfico 4 demonstra a ocorrência do *code switching* em substantivos, verbos e interjeições, entre idosos de 70 a 85 anos (2 falantes), representando os avós.

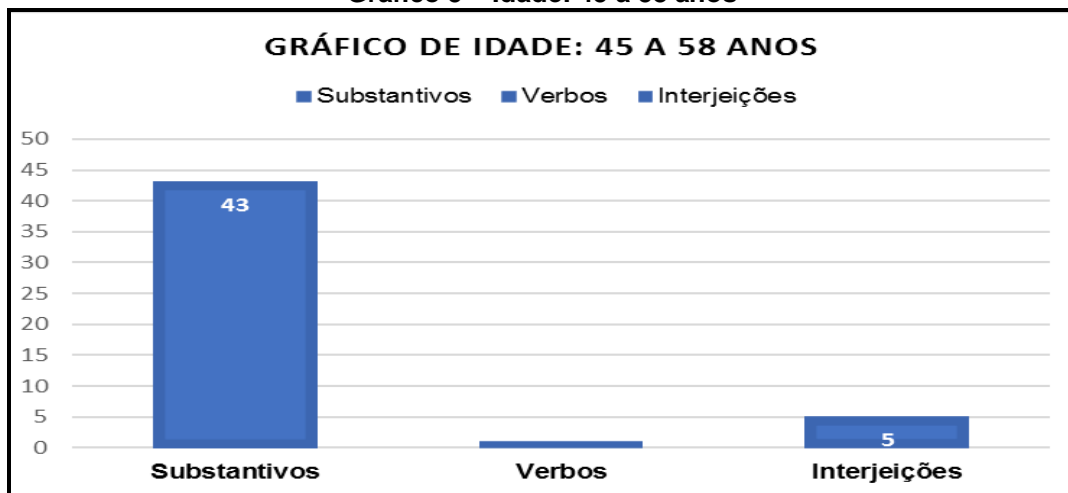
Gráfico 4 – Idade: 70 a 85 anos



Fonte: elaborado pela autora (2018).

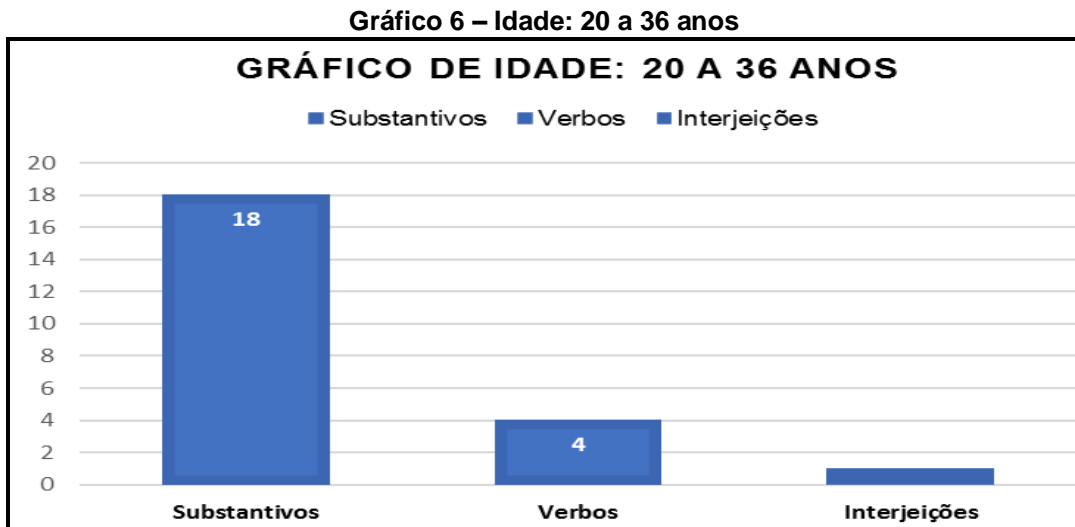
O Gráfico 5 demonstra a ocorrência do *code switching* em substantivos, verbos e interjeições entre adultos de 45 a 58 anos (7 falantes), representando os tios.

Gráfico 5 – Idade: 45 a 58 anos



Fonte: elaborado pela autora (2018).

O Gráfico 6 demonstra a ocorrência do *code switching* em substantivos, verbos e interjeições entre jovens de 20 a 36 anos (4 falantes), representando os primos.



Fonte: elaborado pela autora (2018).

A partir dos dados dos gráficos 4, 5 e 6, deve-se levar em consideração a quantidade de falantes em cada categoria de idade. Na média, 70-85 anos e 20-36 anos promovem menos *code switching* com substantivos do que 40 - 58 anos. Pode-se perceber que não ocorre o *code switching* em verbos pelos falantes de 70 a 85 anos; entre os 7 falantes de 45 a 58 anos, ocorreram pouquíssimas trocas de códigos nesta classe de palavras; e, no entanto, entre os 4 falantes de 20 a 36 anos ocorreram 4 trocas de códigos linguísticos em verbos. As interjeições, por sua vez, apareceram em todos os falantes, mantendo um padrão, e os substantivos representam a classe de palavra em que mais ocorre a troca de códigos linguísticos.

Considerando que a idade dos falantes influenciou na troca de códigos linguísticos, pode-se comparar os falantes 1 e 6 na temática *história feliz sobre a infância*. Ambos têm o Hunsriqueano como língua materna, possuem escolaridade semelhante, são do sexo masculino, embora tenham diferença de idades: o primeiro tem 81 anos e o segundo 46 anos. Veja-se:

F1: “[...] *das waar Fusball spiele. Jede Ovend for Nacht sim-mer in de Potreere gang un dan ham-mer mol Fusball gekloppd, NÉ. Um Daagh ham-mer geschaffd bei de Alte, NÉ. Das waar iwerscheen geweest. Heit se Daagh is-ma schun alt, dann hom-mer nichs meh.*”

“[...] era jogar futebol. Toda tardinha íamos ao potreiro e então batíamos bola, né. De dia trabalhávamos com os velhos, né. Isso era maravilhoso. Hoje em dia já se é velho, então não temos nada.”

F6: *“Wie meer kleen waare, hon meer sonndachs die ganz **GURISADA** fun de Nochberschleid sammergeruf, ham-mer Fusball gespield in unser potreer, un nohäer speder hin sin meer immer in **CACHOEIRA** baade gang, allegaarde, die ganz **TURMA. MAS** das waar en scheen **FOLIA** geweend immer.”*

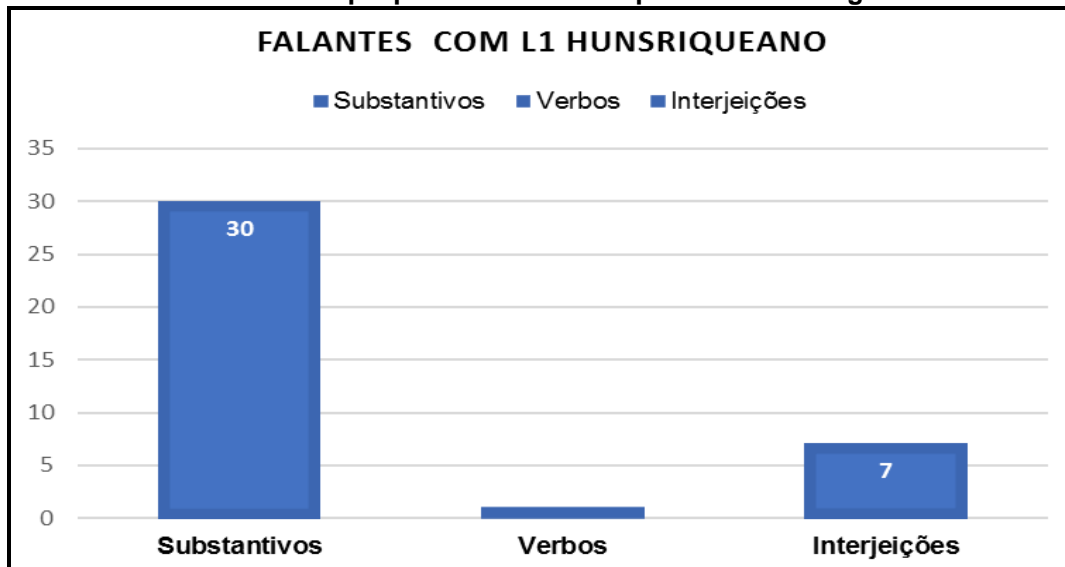
“Quando éramos pequenos, juntávamos aos domingos toda a gurizada da vizinhança, jogávamos futebol no nosso potreiro, e depois mais tarde íamos nos banhar na cachoeira, todo o grupo, a turma toda. Mas isso era sempre uma bela folia.”

Analisando essas falas, concluiu-se que o falante com idade mais elevada cometeu apenas uma troca de código linguístico quando comparado com o falante mais jovem, que cometeu o *code switching* em diversos substantivos. Para tanto, nesta categoria analítica, aponta-se que pessoas com idades mais elevadas cometem menos trocas de códigos linguísticos e, dessa forma, concluiu-se que a idade interfere nessas trocas.

5.3 CATEGORIA ANALÍTICA: LÍNGUA MATERNA

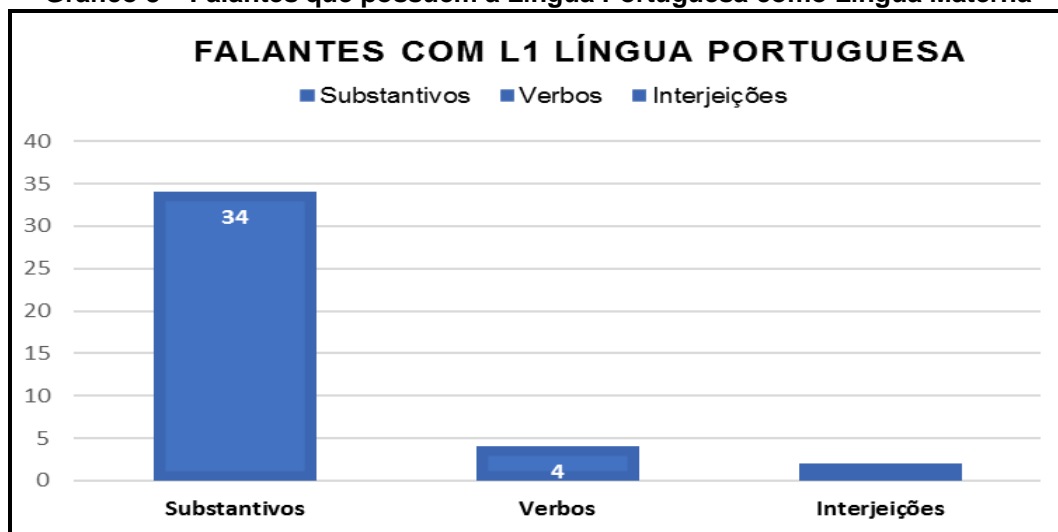
Para além da análise dos fatores extralinguísticos já realizado ao longo deste estudo, deve-se considerar ainda a língua materna dos falantes nas situações de troca dos códigos linguísticos. Ao longo da análise, pôde-se observar que os falantes que têm o Hunsriqueano como língua materna cometem menos trocas de códigos linguísticos, e, conseqüentemente, os falantes que têm a Língua Portuguesa como língua materna o *code switching* é mais corriqueiro, como se pode observar nos gráficos 7 e 8.

Gráfico 7 – Falantes que possuem o Hunsriqueano como Língua Materna



Fonte: elaborado pela autora (2018).

Gráfico 8 – Falantes que possuem a Língua Portuguesa como Língua Materna



Fonte: elaborado pela autora (2018).

Nos gráficos 8 e 9, quantificaram-se os dados dos treze entrevistados. Destes, 4 possuem a Língua Portuguesa como língua materna e 9 possuem o Hunsriqueano como língua materna. A partir dos dados apresentados, pode-se verificar que os 09 falantes de L1 Hunsriqueano cometeram no total 30 trocas de códigos em substantivos, uma troca em verbos e 7 em interjeições. Por outro lado, os 4 falantes de L1 Língua Portuguesa cometeram 34 trocas de códigos em substantivos, quatro trocas em verbos e duas em interjeições. Vale lembrar ainda que descartaram-se os dados em que os falantes falaram frases inteiras em Língua

Portuguesa. Dessa forma, levando em consideração o número de falantes em cada gráfico, observa-se que os falantes que possuem a Língua Portuguesa como L1 cometeram mais trocas de códigos linguísticos, essencialmente substantivos e verbos, e menos trocas de códigos em interjeições, quando comparado com os falantes de L1 Hunsriqueano.

Para confirmar esse dado, observam-se as falas de duas falantes na temática *história triste*, com idades em torno dos 50 anos, do sexo/gênero feminino, que possuem o mesmo grau de escolaridade (5ª série), entretanto com línguas maternas diferentes. A falante 9 tem como L1 o Hunsriqueano, enquanto a falante 8 tem como L1 a Língua Portuguesa.

F9: *“So, meer, ich waar aarich traurich wenn mein Fatter hod fiel gedrunck un dann is-er hemmkomm, un dann had-er kee Grenz. Un dann waare meer immer ruhich geblibb, meer had Bang gehad, un...”*

“Então, nós, eu ficava muito triste quando meu pai bebia demais e aí ele vinha para casa e então não tinha limites. E então ficávamos sempre quietos, nós tínhamos medo, e...”

F8: *“In mein **INFÂNCIA**, ich waare so froh, so froh fer in die Schul gehn, letzte Daagh aan die Schul gehn. Mein Gott, **MOCHILA**... Zucker Seckche, **MOCHILAS** mache, in die Schul gehn... Ich waare so froh, so froh... letzte Daagh. Un... ich waare fertich fer in die Schul gehn, mein Paio had... is er komm un gesaad. “Deer gehd net heit in die Schul”... “Ja, **PAI**, fer wat net? Ich wolld gehn, ich wolld weese, wer so?” “Ja, de Wowo is gestorreb.” “Dies is mein **LEMBRANÇA**... Letzte Daagh in de Schul mein Wowo gestorreb.”*

“Na minha infância, eu estava tão feliz, tão feliz para ir para a escola, último dia para ir à escola. Meu deus, mochila... Saquinho de açúcar, fazer mochilas, ir para a escola... Eu estava tão feliz, tão feliz... último dia. E... eu estava pronta para ir para a escola, meu pai fez... ele veio e disse: “Vocês não vão hoje para a escola”... “Ora, pai, por que não? Eu queria ir, eu queria saber, quem assim?” “Bem, o vô faleceu”. “Esta é minha lembrança... Último dia na escola meu vô faleceu.”

O mesmo pode ser observado com outros dois falantes de idades semelhantes, do sexo/gênero masculino, mas com línguas maternas diferentes no desenvolvimento da temática *história triste*. O falante 11 tem como língua materna a Língua Portuguesa, enquanto o falante 10 tem como língua materna o Hunsriqueano.

F11: “De André, mein Tio, **SE ENVOLVEU NUM ACIDENTE**. Un kammersaan net, net saan... zwellef Uhr waar-er gestorreb mit Moto. Dat waar net leicht fer, wie ich dich gesaad, net fer mich, net fer uns... **NÉ**. Unser Familie waar ganz ferloer. Mein Bappa had **SOFREERD**, meine Parente allegaar **SOFREERD**, né.”

“O André, meu tio, se envolveu num acidente. E praticamente não, não dizer... doze horas ele estava morto com Moto. Isso não foi fácil para mim, como eu disse, nem para mim, nem para nós, né. Nossa família ficou toda perdida. Meu pai sofreu, meus parentes todos sofreram, né.”

F10: “Meer han immer in de Schul gelernd, ich un meine Bruder. Un sim-mer immer mim... zu Fus immer hemmgang komm mit de Lehrin, fun de Schul. Un... un do waar en Daagh geweend, sim-mer hemmgang komm un... hon-ich meine Bruder ferloer, is nittergefaar gebb, meine Bruder. Un... do hon-ich... un meine Bappa waar net dehemm, waar uwe in... hod gereesd, in São Paulo waar meine Bappa geweend un... ja, bis där dann nommol hemmkomm is un dann... waar dat lang gedauert. Un fun do aan fort kammasaan waar meine Leve fersaud geweend. ”

“Nós sempre estudávamos na escola, eu e meu irmão. E sempre íamos com... vínhamos sempre a pé para casa com a professora, da escola. E houve um dia, vínhamos para casa e... eu perdi meu irmão, ele foi atropelado, meu irmão. E... aí eu... e meu pai não estava em casa, estava lá pra cima em... estava viajando, em São Paulo meu pai estava e... bem, até ele estar de novo em casa e então... isso demorou. E daí em diante praticamente a minha vida estava destruída.”

Além de o *code switching* ser mais corriqueiro em pessoas que possuem a Língua Portuguesa como L1, outro fator deve ser apresentado: apenas esses falantes apresentaram um comportamento linguístico em comum, no qual, além de

fazer a troca de códigos linguísticos, também utilizaram durante a fala no Hunsriqueano uma frase ou sentença totalmente na Língua Portuguesa. A seguir, constam os exemplos dos falantes 12, 11 e 8, em diferentes temáticas de conversação, todos têm a Língua Portuguesa como língua materna e são de idades distintas.

F12 (história feliz): “**ENTÃO, VOU FALAR O QUÊ. UMA COISA BOA DA MINHA VIDA.** *Ebbes scheene zu mein Lebe basseerd is, is mein zweu Kind.* ”

“Então, vou falar o quê. Uma coisa boa da minha vida. Algo bonito que aconteceu à minha vida é meus dois filhos.”

F11 (história triste): “*De André, mein Tio, SE ENVOLVEU NUM ACIDENTE. Un kammersaan net, net saan... zwellef Uhr waar-er gestorreb mit Moto. Dat waar net leicht fer, wie ich dich gesaad, net fer mich, net fer uns... NÉ.* ”

“O André, meu tio, se envolveu num acidente. E praticamente não, não dizer... doze horas ele estava morto com Moto. Isso não foi fácil para mim, como eu disse, nem para mim, nem para nós, né.”

F8: (sobre a infância): “*Meer muss meuends schaffe ou mittachs schaffe, meuends ou mittachs in die Schul gehn. So lang, lang... A GENTE CAMINHAVA MUITO, MUITO PRA CHEGAR LÁ, MAS ERA MUITO BONITO, waare so scheen, mein Gott.*”

“Tínhamos que trabalhar de manhã ou de tarde, ir para a escola de manhã ou de tarde. Tanto tempo, tanto tempo... A gente caminhava muito, muito para chegar lá, mas era muito bonito, era tão bonito, meu Deus.”

5.4 CATEGORIA ANALÍTICA: GRAU DE ESCOLARIDADE

Inicialmente, pensou-se que o grau de escolaridade fosse um fator que influenciasse no aparecimento do *code switching*. No entanto, no decorrer da pesquisa, constatou-se que este fator extralinguístico não afeta a conversação direta

em si, visto que o Hunsriqueano é uma língua oralizada pelos falantes, passada de geração para geração e, dessa maneira, não interfere na troca de códigos linguísticos. A maior parte dos falantes (desta pesquisa) tem baixo grau de instrução e, em sua maioria, cursaram somente até a 5ª série do Ensino Fundamental. Dessa forma, a análise dessa categoria torna-se secundária, visto que ela não atinge diretamente o uso do *code switching*, mas a língua de imigração em si, uma vez que os falantes tendem a se afastar desta língua de imigração, devido ao contato com a Língua Portuguesa nas escolas e demais instituições de ensino, sejam elas de nível básico ou superior.

A partir das categorias analíticas apresentadas, pode-se concluir que as trocas de códigos linguísticos Hunsriqueano-Português acontecem essencialmente em substantivos, verbos e interjeições. No entanto, os substantivos e verbos são utilizados com e sem adaptações, enquanto as interjeições são utilizadas sem adaptações. Ainda, outras classes de palavras apareceram nas trocas de códigos linguísticos, mesmo que de forma mínima em preposições, em numerais e advérbios.

Dessa forma, conclui-se que os substantivos representam a maior parte das trocas de códigos linguísticos, seguidos pelas interjeições e verbos. Além disso, mulheres, pessoas mais jovens e os que possuem a Língua Portuguesa como língua materna cometem mais trocas de códigos linguísticos se comparado aos homens, pessoas com idade mais elevada e que possuem o Hunsriqueano como língua materna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, é necessário respeitar as línguas minoritárias no Brasil. E ainda, de acordo com Altenhofen (2013, p. 106), é importante identificar e documentar estas línguas, visto que nos dias atuais há um processo de substituição do alemão para o português por parte dos jovens interligado ao processo de escolarização e, conseqüentemente, ao maior contato com a língua portuguesa. Portanto, supõe-se que dentro de alguns anos não haverá falantes do Hunsriqueano, tornando-se uma língua extinta em Vale Real-RS. Diante disso, este estudo, ainda que minimamente, possui o objetivo de contribuir para a documentação do Hunsriqueano, uma vez que “as línguas faladas pelos descendentes de imigrantes são um depositário vivo da história da etnia no novo meio e, conseqüentemente, uma parte da história do Brasil.” (ALTENHOFEN, 2008, p. 49).

Por outro viés, para estudos futuros, pensa-se em analisar o *code switching* Hunsriqueano-Português em palavras que sofreram adaptações e já estão inseridas no vocabulário desta língua de imigração (empréstimos do português no hunsrequiano), as quais não foram exploradas nesta pesquisa. Pode-se, por exemplo, fazer uma análise de como se dão as adaptações e que regras elas seguem.

Por meio desta pesquisa e da análise linguística nela desenvolvida, foi possível concluir que as trocas de códigos linguísticos do Hunriqueano-Português ocorrem, essencialmente, em substantivos, verbos e interjeições. Certamente, os dados gerados por este estudo contribuirão para os estudos Sociolinguísticos, principalmente no que diz respeito aos “Estudos das Diversidades Linguísticas no RS”, coordenado pelo pesquisador Cléo Vilson Altenhofen.

REFERÊNCIAS

- ALTENHOFEN, C. V. **A aprendizagem do Português em uma comunidade bilíngue do Rio Grande do Sul**: um estudo de redes de comunicação em Harmonia. 1990. 242 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 1990.
- _____. **Hunsrückisch in Rio Grande do Sul**. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen. Stuttgart: Steiner, 1996.
- _____. O estudo de línguas de imigrantes no Brasil. O exemplo do Hunsrückisch no Rio Grande do Sul. **Caderno do Instituto de Letras**, Porto Alegre, n. 18, p.17-26, 1998.
- _____. Dialeto alemães falados no Brasil. Origem, diversidade e contatos com o Português. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISADORES DA HISTÓRIA DAS COMUNIDADES TEUTO-BRASILEIRAS, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Leopoldo: Casa Leiria, 2008.
- _____. As línguas de imigração em contato com o Português no Brasil. In: ENCUESTRO INTERACIONAL DE INVESTIGADORES DE POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS, 3., 2007, Córdoba. **Anais...** Córdoba: Núcleo Educación para la Integración Asociación de Universidades Grupo Montevideo.
- _____. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, C. et al. (orgs.). **Política e políticas linguísticas**. Campinas: Pontes Editores, 2013. p. 93-116.
- _____. **IHLBri – Inventário do Hunsrückisch (hunsriqueano) como Língua Brasileira de Imigração**. 2017. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/projalma/ihlbri-inventario-do-hunsruckisch/>>. Acesso em: 13 ago. 2018.
- ASSMANN, M. N.; THOMAS, L. C. **Colônia alemã histórias e fatos**. Geschichtcha uf Hunsrik ins Pressiljohnisch iwassetzt. Edição bilíngue. São Leopoldo: Editora Nova Harmonia, 2010.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico**. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BLOM, J. P. & GUMPERZ, J. J. Social Meaning in structure: codeswitching in Norway. In: GUMPERZ, J. J.; HYMES, D. (Eds.). **Directions in sociolinguistics**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1972.
- BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Henry Holt, 1933.
- BRAUN, F. K. **História da Imigração Alemã no Sul do Brasil**. Nova Petrópolis: Editora Amstad, 2009.
- CAMACHO, R. G. **Norma Culta e Variedade Linguística**. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - São José do Rio Preto – Unesp, 2004.

CAVALCANTI, M. C. Estudos sobre a educação bilíngue e escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil. **Delta**. v. 15, n. especial. São Paulo, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-445>. Acesso em: 28 set. 2018.

COSERIU, E. **Sentido y tareas de la dialectología**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas. Cuadernos de Linguística, vol. 8, 1982.

DABÈNE, L.; MOORE, D. Bilingual speech of migrant people. In: MILROY, L.; MUYSKEN, P. **One speaker, two languages**. Cross-disciplinary perspectives on code-switching. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

EDWARDS, J. Foundations of Bilingualism. In: BHATIA, T.K.; RITCHIE, W. C. (Eds.). **The Handbook of Bilingualism**. Oxford: Blackwell, 2006, p. 7-31.

GUMPERZ, J. **Discourse strategies**. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 1982.

HABEL, J. M. **Fundamentos para os estudos das línguas dos imigrantes boêmios no Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, 2014, 68f.

_____. Os nomes do Hunsrückisch: aspectos linguísticos e extralinguísticos da denominação de línguas de imigração. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 314-330, ago./dez. 2017.

HEYE, J. Línguas em contato: considerações sobre bilinguismo e bilingualidade. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. **Português Brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Cidades - Vale Real**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/vale-real/panorama>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

KLEIN, Renato. **Origens da família Kayser**. 2013. Disponível em: <<http://historiasvalecai.blogspot.com/2013/01/1595-origens-da-familia-kayser.html>>. Acesso em: 26 jun 2018.

KOCH, W.; ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. (Orgs.). **Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: Introdução, Cartas fonéticas e morfossintáticas**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOUTINHO, A. P. **O code-switching na perspectiva da intercompreensão: interações em chat plurilíngue no projeto galanet**. Rio de Janeiro: PUC, 2013. 150p.

MULLER, T. M. **Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1980.

PAYER, M. O. **Memória da língua: imigração e nacionalidade**. São Paulo: Escuta, 2006.

PORTO, R. S. **Os estudos sociolinguísticos sobre o *code switching***: uma revisão bibliográfica. 2007. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_9_os_estudos_sociolinguisticos_sobre_o_code_switching.pdf>. Acesso em: 20 maio 2018.

PROJETO ALMA – Atlas Linguístico-Contactual das Minorias Alemãs na Bacia da Prata. Bem-vindo ao Projeto ALMA-H UFRGS / CAU. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/projalma/>>. Acesso em: 13 ago. 2018.

RIOGRANDENSER Hunsrikisch. 2015. Disponível em: <<https://hunsriqueanoriograndense.wordpress.com/>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

SAER, D. J. The Effects of Bilingualism on Intelligence. **British Journal of Psychology**, v. 14, p. 25-38, 1922.

STEFFEN, A. Travessia: história da imigração alemã. 1. ed. Bom Princípio: Fato Novo, 2003.

APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Nome:	Idade:
Grau de escolaridade:	Sexo:

- 1) Conte-me sobre sua infância.
- 2) Conte-me uma história feliz da sua infância.
- 3) Conte-me uma história triste da sua infância.
- 4) Conte-me uma piada.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO
GRANDE DO SUL- IFRS

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO-
PROPII COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP

TERMO DE CONSENTIMENTO DE LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a):

Você está sendo respeitosamente convidado (a) a participar do projeto de pesquisa “ O *code switching* no Hunsriqueano-Português: estudo de caso nas famílias Schneider e Massing na cidade de Vale Real-RS”, cujos objetivos são: identificar o *code switching* nas situações de fala dos falantes da língua de imigração e estudar a classe de palavras em que ocorre o *code switching* em Vale Real- RS. Este projeto está vinculado à monografia de Conclusão de Curso, a qual tem como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciada em Letras- Português e Inglês.

A pesquisa será feita em Vale Real, através de uma entrevista, que poderá ser gravada e/ou filmada, após autorização. Para a coleta de dados será utilizada uma entrevista semiestruturada a qual será gravado com um aparelho celular.

Foi destacado que minha participação no estudo é de extrema importância, uma vez que espera-se estudar o fenômeno *code switching* na língua de imigração Hunsriqueano.

Estou ciente e foram-me assegurados os seguintes direitos:

- da liberdade de retirar o meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isso me traga prejuízo de qualquer ordem;
- da segurança de que não serei identificado (a) e que será mantido caráter confidencial das informações relacionadas à minha privacidade;
- do compromisso de ter acesso às informações em todas as etapas do estudo, bem como aos resultados, ainda que isso possa afetar meu interesse em continuar participando da pesquisa;

- de que não haverá nenhum tipo de despesa ou ônus financeiro, bem como não haverá nenhuma recompensa financeira relacionada à minha participação;
- de que não está previsto nenhum tipo de procedimento invasivo, coleta de material biológico, ou experimento com seres humanos;
- de não responder qualquer pergunta que julgar constrangedora ou inadequada.

Eu, _____, portador do documento de identidade nº _____, acetito participar da pesquisa intitulada “ O *code switching* no Hunsriqueano-Português: estudo de caso nas famílias Schneider e Massing na cidade de Vale Real-RS”. Fui informado (a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada, bem como a metodologia que será adotada. Recebi uma cópia deste termo de consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Uso de imagem/ gravação

Autorizo o uso de minha imagem (áudio) para fins de pesquisa, sendo seu uso restrito a transcrição da entrevista e contribuição à pesquisa.

Feliz, ____ de _____ de 2018.

Assinatura do (a) participante

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, consultar:

CEP/ IFRS

E-mail: cepesquisa@ifrs.edu.br

Endereço: Rua General Osório,348, Bento Gonçalves, RS, CEP: 95700000

Telefone: (54) 3449-3344

Pesquisador principal: _____

Telefone para contato: _____

E-mail para contato: _____